



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES - IEFES**  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**RAFAEL LIMA BANDEIRA SOUSA**

**BULLYING EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO COM**  
**ALUNOS DO 9º ANO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA**  
**ESTADUAL DE FORTALEZA**

**FORTALEZA**

**2017**

RAFAEL LIMA BANDEIRA SOUSA

BULLYING EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO COM  
ALUNOS DO 9º ANO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA  
ESTADUAL DE FORTALEZA

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido à coordenação do Curso de  
Graduação em Educação Física do  
Instituto de Educação Física e Esportes,  
Universidade Federal do Ceará, como  
requisito parcial para obtenção do Título  
de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo V. M. e Silva

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S698b Sousa, Rafael Lima Bandeira.

Bullying em aulas de educação física : um estudo com alunos do 9º ano de uma escola da rede pública estadual de Fortaleza / Rafael Lima Bandeira Sousa. – 2017.  
50 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2017.  
Orientação: Prof. Dr. Eduardo Vinícius Mota e Silva.

1. Bullying. 2. Educação física. 3. Agressão. 4. Participação. I. Título.

CDD 790

---

**FICHA DE APROVAÇÃO**

**RAFAEL LIMA BANDEIRA SOUSA**

**BULLYNG EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO COM ALUNOS  
DO 9º ANO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE  
FORTALEZA**

APROVADO, em: 13 / dezembro / 2017.

---

Prof. Dr. Eduardo Vinicius Mota e Silva – Orientador  
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

---

Prof. Dr. Leo Barbosa Nepomuceno  
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

---

Prof. Esp. Tassia Oliveira Ramos  
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

Fortaleza – CE  
2017

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me dá a cada dia mais uma oportunidade de viver e de tentar ser melhor. Gratidão a Ele por sua proteção e por guiar meus caminhos e os de minha família. Em Deus sempre encontramos uma saída ou uma solução para as dificuldades que encontramos ao longo de nossa vida.

Aos meus pais, Antônio Deoclécio e Maria Geoleide pelo apoio, em especial à minha mãe, que é meu bem mais precioso e que nunca mediu esforços para me ajudar em todos os meus objetivos, sempre estando presente em todos os momentos – felizes e tristes – da minha vida. Grato pelos cuidados e pelo imenso esforço empregado na minha educação, que me foi oferecida com tanto carinho. Nada do que eu expresse estará à altura da gratidão e do amor que sinto por vocês.

Ao restante da minha família. Minha avó, tias, tios, primos, namorada e amigos – de graduação e de infância – que me ensinaram muito sobre união e me ajudaram e incentivaram a continuar. Amo todos vocês.

À Universidade Federal do Ceará, por todas as vivências e experiências que pude nela desfrutar, por tudo que aprendi, pelas pessoas que conheci e principalmente por contribuir para um melhor autoconhecimento e formação humana.

Ao professor Eduardo Silva, pela disposição e paciência durante toda a caminhada, auxiliando sempre que possível e facilitando todo o processo. Me sinto feliz em ter tido a oportunidade de contar com o mesmo para a realização deste estudo.

Aos professores que constituem a banca examinadora, Léo Nepomuceno e Tássia Oliveira, que se fizeram dispostos em avaliar e, se necessário, auxiliar durante o processo de construção deste trabalho, e aos demais professores que constituem o corpo docente do IEFES, com os quais tive a oportunidade de conviver e aprender ao longo desses 5 anos.

À professora Maria Eleni pela oportunidade de ingressar e permanecer até a conclusão da graduação no Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID e à professora Claudia Alencar, professora de Educação Física da Escola de Ensino Fundamental e Médio João Mattos, onde estava inserido durante a maior parte do tempo em que estive no programa e também onde pude executar esta pesquisa.

As experiências que tive durante os três anos em que permaneci no programa me trouxeram conhecimentos e experiências que certamente me farão um professor melhor preparado para os desafios que a docência proporciona.

*“Demore o tempo que for para decidir o que você quer da vida, e depois que decidir não recue ante nenhum pretexto, porque o mundo tentará te dissuadir.”*

Friedrich Nietzsche

## RESUMO

Sabe-se que a prática de bullying está cada vez mais difundida e tem alcançado dimensões preocupantes nas instituições de ensino. Por serem prioritariamente práticas as aulas de Educação Física podem funcionar como estopim para essa prática violenta. O presente trabalho busca identificar a presença do bullying em aulas de Educação Física em uma escola da rede pública estadual de Fortaleza, levantando hipóteses para possíveis causas de ocorrência de atitudes agressivas entre estudantes e investigando a participação nas aulas por parte dos indivíduos envolvidos em tais práticas. Foi realizado um estudo transversal do tipo corte quantitativo-qualitativo por meio da aplicação de um questionário, com observação direta extensiva, em numa amostra de 21 estudantes de uma escola pública estadual matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental. Os resultados obtidos apontam que a maior parte dos alunos que presenciaram violência estavam envolvidos em algum caso de bullying. Notou-se, também que alunos agressores participam mais das aulas de Educação Física que alunos vítimas. As formas de Bullying com maior ocorrência em aulas de Educação Física foram brincadeiras que remetiam ao tipo físico diferente e à escassez de habilidades. Finalmente se confirmou que o bullying está fortemente presente em aulas de Educação Física e que esta realidade merece ser mais investigada e tratada pedagogicamente pelos professores.

**Palavras-chave:** Bullying; Educação Física; Agressão; Participação.



## **ABSTRACT**

The bullying praxis is each more spread and it has reached concerning dimensions at the teaching institutions. Lessons of sport science are, mostly, with too much praxis, so they can work as a point to this violent behavior. This study aims to identify the presence of bullying in the lessons of sport science in a public school from Fortaleza, raising hypothesis to possible causes of aggressive behaviors between students, also investigating the participation on the lessons by the ones involved on that bullying praxis. It is a cross-sectional qualitative-quantitative study through a questionnaire with direct extensive observation made in a sample of 21 students from a public state school with average of 14,6 years. The obtained results show that most of the students that witnessed violence were involved in some case of bullying. It has also shown that the aggressors students have participated on the sport science classes more than the victim students. The games that favors the physical instead skills received a highlight to the occurrence of bullying. Finally, it has confirmed that bullying is strongly present in the lessons of sport science and it needs to be given continuity in the referring studies on this process.

**Key words:** Bullying; Sport Science; Aggression; Participation.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. OBJETIVO GERAL</b> .....	12
2.1 Objetivos Específicos.....	12
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	13
3.1 Bullying: Histórico, definição, classificação, causas e consequências .....	13
3.2 Classificação .....	15
3.2.1 Quanto ao tipo de ação de Bullying .....	15
3.2.2 Quanto aos indivíduos que se envolvem no Bullying .....	16
<b>4. MÉTODO</b> .....	21
4.1 Tipo de pesquisa.....	21
4.2 População e Amostra.....	21
4.3 Procedimentos e instrumentos.....	22
4.4 Análise de dados.....	23
<b>5. Resultados e Discussão</b> .....	25
5.1 Caracterização da amostra .....	25
5.2 Vítimas e agressores .....	26
5.3 Ocorrência de Bullying na escola.....	28
5.4 Violência fora do âmbito escolar .....	33
5.5 Bullying nas aulas de Educação Física.....	35
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	46
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	49
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOBRE BULLYING</b> .....	51
<b>ANEXO A – FOLHETO INFORMATIVO SOBRE BULLYING</b> .....	53

# 1. INTRODUÇÃO

Infelizmente a violência ainda é um crescente problema de saúde pública em todo o mundo, sendo assim caracterizada como um problema crônico e recorrente, que afeta diretamente milhares de pessoas em diversos âmbitos de convivência e que pode gerar sérias consequências individuais e sociais na sociedade.

É comum que vejamos no noticiário – como acontecimentos cada vez mais naturais - cenas de guerras, vários tipos de crimes, sequestros, assaltos, brigas, atos de vandalismos e ofensas em diversos países, regiões, em qualquer que seja o ambiente, idade, sexo e condições físicas, sociais e psicológicas das pessoas. Dessa forma, a violência deve ser observada sob uma ótica multifatorial, devendo ser analisada por diferentes tipos de profissionais, como biólogos, filósofos, sociólogos, cientistas políticos e professores.

Dentre as formas de violência existentes, uma das mais visíveis é a chamada violência juvenil, que compreende indivíduos com idades entre 10 e 21 anos, faixa etária que abrange o público jovem que é considerado o principal, nas estatísticas, entre os que mais matam e os que mais morrem. Pearce e Thompson (1998) salientam que grupos que apresentam comportamento violento antes da puberdade tendem a adotar atitudes cada vez mais agressivas ao longo dos anos, podendo assim resultar em graves ações comportamentais na adolescência e até persistir na fase adulta.

No momento em que se aborda o conteúdo da violência entre crianças e adolescentes, instantaneamente se associa o ambiente onde estudam. Nesse contexto pode-se destacar o atual cenário escolar em que acontecem alguns tipos de violência, como aquelas direcionadas a funcionários e professores; outras, direcionadas a alunos. Contudo, existe uma forma de violência que acontece, normalmente, às escondidas, muitas vezes entre os próprios alunos e que vem se tornando cada vez mais preocupante no âmbito escolar. Portanto, tal comportamento agressivo provavelmente seja o tipo mais frequente de violência juvenil, fazendo com que diariamente cresça o número de estudantes que reclamam de maus tratos no ambiente de estudo, seja em forma de exclusão, rejeição, discriminação e até perseguição, ocasionando um problema social grave e complexo.

Já se sabe que hoje essa forma de violência – apesar de pouco visualizada – está cada vez mais difundida e alcançando dimensões preocupantes nas instituições de ensino. Por exemplo, quem não foi vítima de brincadeiras agressivas e repetitivas, com uso de apelidos pejorativos, sendo algumas vezes perseguido sem motivação evidente por um ou mais colegas na época de escola? Tais perseguições e rotulações negativas levam esses alunos-vítimas a serem excluídos de jogos, brincadeiras, times de futebol, círculos de amizades, trabalhos em grupo, e os leva a guardarem más lembranças da época escolar. Este tipo de violência caracteriza o fenômeno *Bullying* (FANTE, 2005).

Olweus (1993) aponta que este fenômeno ocorre quando, sem motivo nenhum, um indivíduo é exposto a situações constrangedoras através de uma brincadeira, que gera violência gratuita caracterizada pela repetição das agressões contra a mesma vítima em determinado período de tempo, pelo desequilíbrio de poder entre as partes, pela intencionalidade de causar danos, e pelo prejuízo causado em especial às vítimas.

Ciente deste problema, indaga-se: com que frequência acontece esse tipo de problema nas aulas de Educação Física? Quais seus reais motivos? Que contribuições poderão ser dadas para evitar e combater o *Bullying*?

Levando em consideração tais fatos, o professor de Educação Física, juntamente com a escola, tem a difícil missão de tornar os indivíduos seres cada vez mais pensantes, baseando-se em uma série de princípios éticos e morais, auxiliando-os assim a desenvolverem o senso crítico, visando a construção de uma sociedade mais plural e tolerante às diferenças.

## **2. OBJETIVO GERAL**

Verificar a presença do *Bullying* em aulas de Educação Física nas séries do 9º ano de uma escola da rede pública estadual de Fortaleza.

### **2.1 Objetivos Específicos**

- Investigar os motivos para ocorrência do *Bullying*.
- Apurar a relação entre *Bullying* e a prevalência de violência – física e/ou psicológica – fora do âmbito escolar.
- Verificar a influência do *Bullying* na participação de alunos vítimas e alunos agressores nas aulas de Educação Física.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 *Bullying*: Histórico, definição, classificação, causas e consequências

O fenômeno *Bullying* passou a ser pesquisado por vários países a partir dos anos 80. Porém a comparação entre contextos diferentes foi prejudicada em alguns casos pela dificuldade em traduzir a palavra *Bullying*, pois não existe palavra equivalente em outras línguas e assim ela acaba sendo usada em pesquisas com definições diferentes. Essa palavra é menos familiar às línguas latinas e, mesmo sendo mais próxima à língua anglo-saxã, nos Estados Unidos, por exemplo, o termo *Bullying* é trocado muitas vezes pela expressão *victimization* (vitimização) ou *peer rejection* (rejeição pelos colegas), usadas para indicar ações negativas entre pessoas iguais (PETER et al., 2002).

A palavra *Bullying* tem origem inglesa e deriva do termo *bully*, que significa valentão, brigão. O nome de origem estrangeira pode até parecer estranho para muitos, mas as brincadeiras que ridicularizam, humilham e agredem, de forma repetitiva e intencional – geralmente os mais vulneráveis – é reconhecida por todos. De acordo com Fante (2005), o primeiro a relacionar a palavra ao fenômeno foi Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega, durante a década de 90. Olweus pesquisava tendências suicidas entre adolescentes e descobriu que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça ou perseguição, por esse motivo, notou real necessidade em estudar e combater esse mal.

Fante (2005), autora dos livros “*Bullying Escolar*” e “*Bullying e Desrespeito: Como Acabar com Essa Cultura na Escola*”, aponta para a incidência do fenômeno e para a importância de se conhecer bem o *Bullying*:

O bullying é praticado em 100% das escolas de todo o mundo. Na maioria das vezes, ele é visto como brincadeira própria do amadurecimento da criança. Mas é devido a essa interpretação equivocada que a prática vem se alastrando cada vez mais. Por outro lado, não devemos generalizar e creditar ao bullying todas as situações que ocorrem dentro e fora da escola, ou de forma virtual. Primeiramente, temos que conhecer o fenômeno e saber diferenciá-lo das brincadeiras próprias da idade (BEAUDOIN apud FANTE, 2005, p. 1.).

Tais autores afirmam ainda que um dos primeiros estudiosos a pesquisar o fenômeno foi o alemão Peter-Paul Heineman (1972), que usava o termo *mobbing* - se referindo à violência praticada por um grupo contra uma única pessoa rotulada como "diferente" - iniciando-se inesperadamente e sem precedentes e terminando da mesma forma. Outro estudioso da época também utilizou esse termo no início de seus trabalhos no ano de 1993, porém o norueguês Dan Olweus ampliou a definição ao incluir ataques de pessoa a pessoa - diferente da definição anterior, onde somente ocorria de grupos contra uma única pessoa -, de uma criança mais forte a outra mais fraca.

Pela dificuldade na tradução, uma solução utilizada para uma melhor compreensão do termo foi a adoção de um mesmo critério para definir o fenômeno. Olweus (1993) salienta que o *Bullying* é definido a partir de três características: é um comportamento agressivo e de ofensa intencional; ocorre repetidamente, com frequência e durante muito tempo; acontece nas relações interpessoais onde predomina um desequilíbrio de poder. Tal definição diferencia o *Bullying* de qualquer outro tipo de agressão momentânea.

Apesar de no Brasil os estudos terem se iniciado de maneira tardia, a partir do ano de 2000, Santos e Kienen (2014) explicam que este fenômeno não é algo recente. A violência entre jovens nas escolas é antiga, embora a terminologia para denominar o processo seja atual.

Nos casos em que o *Bullying* ocorre existe claramente uma intenção de ofender o próximo, pressupondo que o agressor tem alguma superioridade em relação à vítima, seja através de fatores como a aparência, idade, tipo físico, habilidades e alguns outros. Um exemplo em que acontece a prática é quando um indivíduo mais velho ou fisicamente mais forte passa a agredir – sem motivo aparente - outro mais novo ou mais fraco simplesmente pelo fato de se sentir superior e enxergar o próximo como inferior. Ou seja, um aluno sofre *Bullying* quando, segundo Olweus (1993), está exposto constantemente e durante um longo período de tempo a ações humilhantes ou degradantes por parte de um outro indivíduo.

Apesar de parecer recente, devido às ênfases dadas nos últimos anos por psicólogos, sociólogos e pela sociedade em geral, o *Bullying* sempre existiu nas escolas, cursos, ambientes de trabalhos e em quaisquer outros lugares em que se

formem grupos de pessoas e que essas se julguem superiores às demais (CARVALHOSA E MATOS, 2005; GUIMARÃES, 2008; OLWEUS, 1993).

Lopes Neto (2005) enfatiza diferentes elementos como possíveis causas de manifestação do *Bullying*, tais como fatores econômicos, sociais e culturais, expressões de temperamento e influências familiares, de amigos, da escola e da comunidade.

As relações estabelecidas no ambiente familiar podem favorecer comportamentos agressivos que caracterizam o *Bullying*. O ambiente familiar é constantemente apontado como sendo “difícil” e “perturbador” em grande parte dos casos e isso acarreta na reprodução de comportamentos de intimidação na escola por parte dos alunos submetidos à violência doméstica (BLAYA, 2002).

## **3.2 Classificação**

### **3.2.1 Quanto ao tipo de ação de *Bullying***

Existem dois tipos de violência aplicada aos vistos como mais fracos segundo Lopes Neto e Saavedra (2003): a primeira é a forma direta, que se subdivide em violência física – quando alunos disferem socos, chutes e empurrões, podendo chegar até a ocorrer abuso sexual – e verbal – com a manifestação de atitudes preconceituosas como insultos e apelidos. Nessa forma, de maneira geral, os meninos se envolvem com maior frequência, seja como vítimas ou agressores.

A segunda forma é a indireta (ou emocional), onde os participantes disseminam, na forma de fofoca, histórias muitas vezes indecentes e desagradáveis que colocam a pessoa sob pressão, fazendo com que ela seja discriminada, levando-a assim a ser excluída de determinado grupo social. Essa forma ocorre principalmente entre as meninas, que se utilizam mais de fatores difamatórios à violência física propriamente dita (Lopes Neto, 2005; Olweus, 1997).

O psicólogo cognitivo-comportamental Adriano Severo Calbo (2009) deixa claro em sua pesquisa que:



O bullying direto, tanto físico como verbal, inclui agressão física, abuso sexual, roubo ou deterioração de objetos de outra pessoa, extorsão, insultos, apelidos e comentários racistas. A forma de bullying indireto, por sua vez, compreende a exclusão de uma pessoa do grupo, fofocas e apelidos que marginalizam o outro e qualquer outro tipo de manipulação cometida por um indivíduo ou um grupo contra o outro (p. 74).

Com o crescente desenvolvimento tecnológico que ocorreu nos últimos anos, um tipo específico de *Bullying* aparece com cada vez mais frequência nas relações interpessoais, o chamado *Cyberbullying*. Nesse ponto (KOWALSKI et al., 2012) descreve essa variação do *Bullying* como sendo um dano intencional e repetido, aplicado através do uso de computadores, telefones celulares e outros dispositivos eletrônicos. Assim como na forma tradicional, é intencional e não acidental, se dá de forma repetitiva, e não apenas um incidente isolado e causa danos perceptíveis. O que o difere do tradicional, basicamente, é o fato de ser cominado virtualmente.

### 3.2.2 Quanto aos indivíduos que se envolvem no *Bullying*

Na existência da prática do *Bullying*, os indivíduos que participam exercem papéis diferentes no decorrer do fenômeno. De acordo com Botelho e Souza (2007), os alunos que se envolvem no processo estão distribuídos em quatro categorias: autores (agressores), alvos (vítimas), autores/alvos (agressores/vítimas) e testemunhas (espectadores).

Segundo as pesquisas de Olweus (1992) é possível que se possa traçar o perfil de vítimas e agressores dos casos de *Bullying* na escola, por exemplo. Ruotti, Alves e Cubas (2006) relatam que em se tratando de vítimas existem dois tipos, as passivas ou submissas e as provocativas. No caso das primeiras estão as pessoas com características de insegurança e vulnerabilidade acima da média dos alunos, são aquelas mais sôfregas e angustiadas. A principal característica dessas vítimas é que não são agressivas e reprovam tal tipo de comportamento. Na maioria dos casos elas sofrem de pensamentos negativos a respeito de si mesma, o que gera como consequência uma baixa autoestima. Ao sofrerem agressões, as vítimas passivas tendem a reagir com choro e acabam por se distanciar dos agressores e tal afastamento faz com que elas se sintam frustradas e impotentes para conquistar

amigos, causando assim um maior isolamento de eventuais grupos. Por saberem que essas vítimas não revidam ataques de violência, os agressores fazem delas alvos fáceis e frequentes – no caso dos meninos, geralmente são fisicamente mais fracos. Com isso, cria-se um ciclo no qual uma criança com essas características sofre demasiadamente com esses tipos de insulto, o que resulta no reforço de sua personalidade retraída a respeito da avaliação diminutiva que fizeram de si mesmas. Em relação às vítimas provocativas, tendem a apresentar quadros de ansiedade e podem reagir com ações agressivas, ou seja, tanto sofrem, quanto praticam *Bullying* contra crianças ainda mais fracas que elas. Outro estudo (BOMFIM et al., 2012) aponta que as vítimas na maioria das vezes apresentam relativa dificuldade de aprendizado, se estressam com muita facilidade e têm tendências a desenvolver sentimentos vingativos e até mesmo de suicidar-se.

Os autores ou agressores são aqueles que apenas praticam o *Bullying*. Podem ser percebidas nesses indivíduos características como pouca empatia pelos colegas, agressividade direcionada tanto para os colegas quanto para o corpo docente e funcionários de escolas, por exemplo. São indivíduos que têm necessidade de dominar os outros nas relações, onde menosprezam os mais fracos – rotulados por tais agressores - e se intitulam superiores, demonstrando assim indiferença aos sentimentos dos demais. Fante (2005) relata ainda que, provavelmente, tais autores já praticaram algum tipo de delito anteriormente à prática do *Bullying*. Além desse tipo, Ruotti, Alves e Cubas (2006) fazem alusão a outro agressor, o secundário:

A principal característica desse agressor é não tomar a iniciativa nas agressões. Também definido como agressor passivo, seria uma espécie de “cúmplice”, aquele que, a princípio, não está envolvido nas agressões, mas que assim que têm início toma parte, imitando o comportamento agressivo ou simplesmente cumprindo “ordens” do agressor principal (p. 179).

Nesses casos, os secundários adotam o agressor principal como um líder, um exemplo a ser seguido, dando ainda mais força ao processo do *Bullying*, o que prejudica ainda mais as vítimas.

Porém, nem todos os participantes do processo apresentam efetivamente comportamentos agressivos ou violentos. É o caso das testemunhas (espectadores). São pessoas que não sofrem nem praticam *Bullying*, contudo convivem em ambientes

onde o fenômeno ocorre. As testemunhas são compostas pela maioria dos indivíduos que permeiam o ambiente e que, rotineiramente, presenciam atitudes violentas e veem como a alternativa mais prudente permanecer em silêncio em função do temor de talvez tornarem-se as próximas vítimas. Estudos apontam que a percepção do ambiente (em que ocorre o fenômeno) como um lugar inseguro resulta no decréscimo do rendimento dessas testemunhas (LOPES NETO e SAAVEDRA, 2003; FANTE, 2005).

Existem alguns estudos que mostram que alguns fatores podem contribuir para que se concretize o *Bullying*. Um deles é o fato de o agressor (autor) vir de uma família com um baixo nível de estruturação e educação. Eles costumam pertencer a um ambiente onde ocorra pouco diálogo e relacionamento afetivo entre os membros familiares, ocasionando em uma maneira frouxa de acompanhar o comportamento dos filhos. Em alguns desses casos, os pais demonstram como modelo para solucionar problemas comportamentos explosivos e/ou agressivos, interferindo diretamente na forma de agir em situações semelhantes. Seguindo essa linha de raciocínio, supõe-se a hipótese onde um espectador presencia tais comportamentos violentos por parte do agressor para com a vítima por repetidas vezes e, ainda assim, ele permanece impune. Isso leva ao espectador acreditar que a violência é a maneira mais fácil e eficaz para alcançar a popularidade, tornando-se assim um *bully* (CAMPOS H. R., JORGE S. D. C., (2010) apud Ballone, 2005).

### **3.3 Bullying na Escola: incidência nas aulas de Educação Física**

Como citado anteriormente, sabe-se que o *Bullying* pode ser praticado em qualquer lugar onde exista interação de pessoas, como locais de trabalho, cursos, encontros, igrejas e escolas. Esse último sem dúvidas é o local de maior predominância e ocorrência do fenômeno. Apesar de a maioria das escolas no Brasil negar a existência do *Bullying*, é fato que todas as elas – não só no Brasil – apresentam indícios da prática, não importando a área de localização (urbana ou rural), tamanho da cidade ou escola, turno escolar, série ou natureza – pública ou privada (BOMFIM et al., 2012).

As aulas de Educação Física na escola promovem interação entre os alunos ao exigir que os mesmos utilizem suas capacidades cognitivas e psicomotoras para

realizarem as atividades propostas. É exatamente nesse momento que os alunos menos habilidosos ou mais inibidos e os que estejam fora dos padrões corporais são detectados pela turma e tornam-se mais expostos e frágeis a agressões, xingamentos, perseguições, discriminações, comentários maldosos até a exclusão de atividades.

De acordo com Melim e Pereira (2015), o clima, às vezes muito competitivo, nas aulas práticas de Educação Física pode potencializar a manifestação de atitudes prepotentes e arbitrarias entre alunos. Muitas vezes atribui-se este tipo de ocorrência a natureza competitiva e combativa do próprio desporto. Esta situação, entretanto, pode comprometer a natural atração que os jovens sentem pela Educação Física, resultando num progressivo afastamento e desrespeito pela disciplina.

As pesquisas de Faria Junior e Faria (1999) apud Lopes Neto e Saavedra (2003) contém uma série de depoimentos acerca do tema e, em uma delas, é apontado que manifestações violentas ocorrem com frequência durante as aulas de Educação Física e que pequenas discussões, rixas desportivas e brigas por quaisquer outros motivos banais funcionam como uma espécie de estopim para a prática da violência.

Tendo em vista que os alunos cada vez mais enxergam as formas de violência como um comportamento natural, fica destinada às escolas a missão de tentar controlar de forma multidisciplinar a ocorrência do *Bullying* através de medidas de prevenção como monitoramento de atividades no pátio, com o cuidado de evitar que alunos fiquem a sós e se sintam excluídos e/ou humilhados; informar - sobre o ocorrido - os pais de alunos durante as reuniões e, principalmente, garantir que o professor esteja a postos para ouvir de todos, sem distinção, sobre qualquer tipo de reclamação referente ao tema e tomar as medidas cabíveis. É importante salientar que é de fundamental importância a prestação de assistência por parte do professor para com as vítimas, porém, de nada adianta tratar apenas as vítimas e dar menos importância ao agressor. É essencial que se dê devida atenção a agressores e que se tente antecipar o processo na tentativa de evitar que novos agressores se desenvolvam (FLORES, 2007).

Tratar como "apenas mais uma brincadeira" ou algo "sem más intenções" pode tornar o processo ainda mais aprofundado e vicioso. Toda a atenção deve ser

dada. São bem-vindas propostas participativas de interação e cooperação entre os pares, que estimulem a socialização e o respeito mútuo, resultando assim no benefício igualitário.

## **4. MÉTODO**

Nesta seção serão apresentados o delineamento do estudo, o processo para definição da amostra, bem como da coleta de dados e seus tratamentos estatísticos.

### **4.1 Tipo de pesquisa**

O A referida pesquisa se caracteriza por um modelo de estudo transversal do tipo corte quantitativo-qualitativo. Tal modelo se dá através da visualização situacional de uma população em determinado momento, como instantâneos da realidade (ROUQUAYROL; ALMEIDA, 2011). De acordo com Fontelles et al (2009), no estudo transversal, a pesquisa é realizada por um período de tempo curto, ou seja, em um ponto no tempo, como agora.

Segundo Martins (2004), uma das grandes características da pesquisa qualitativa consiste na heterodoxia no momento da análise dos dados e o fato de esses serem variados exige do pesquisados uma capacidade analítica e integrativa. Godoy (1995) reforça que no estudo qualitativo o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados da coleta

A forma de observação será do tipo direta extensiva – questionário, que visa identificar se existe uma relação causa-efeito entre os parâmetros analisados pelo pesquisador através da correlação de variáveis (MARCONI; LAKATOS, 2003). Tais autores dizem ainda que essa abordagem apresenta uma série de vantagens, como a economia de tempo e viagens, a obtenção de um grande número de dados, o fato de atingir um maior número de pessoas simultaneamente e a obtenção de respostas mais rápidas e precisas e maior liberdade de respostas seguras em razão do anonimato.

### **4.2 População e Amostra**

A população estudada foi composta por estudantes regularmente matriculados no 9º ano do ensino fundamental II; de qualquer faixa etária; sexo

masculino e feminino; turnos manhã e tarde da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Mattos, em Fortaleza, Ceará.

A escola foi escolhida em razão de ter sido a instituição em que participei do Projeto de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, fato que fez com que já existisse uma certa familiarização com o corpo docente e discente, o que facilitou a aceitação da aplicação do estudo, pois se trata de um assunto delicado e que talvez não fosse aceito por outra escola. Situa-se no bairro Montese, pertencente à regional IV de Fortaleza. O bairro conta com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – índice que abrange fatores de expectativa de vida, renda e educação – calculado em 0,472, valor que põe o bairro na 34ª posição em um total de 119 bairros contabilizados na cidade segundo o censo demográfico realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2010.

### **4.3 Procedimentos e instrumentos**

Em um primeiro momento foi realizado contato com a escola, de modo a apresentar o projeto de pesquisa, para que fosse esclarecida toda e qualquer dúvida acerca do mesmo e verificada a viabilidade de sua realização naquela instituição. Após a autorização da escola, no dia 17 de outubro de 2017, foi explanado a todos os alunos o objetivo do estudo, as datas de coletas e seus respectivos horários. Neste momento foi feito um convite formal aos alunos para que participassem do projeto por livre e espontânea vontade.

Dos 55, um total de 54 alunos optou por participar do estudo e levaram para suas casas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A), a fim de obter autorização de seus responsáveis visto que eram, em sua totalidade, menores de idade. A segunda visita ocorreu no dia 24 de outubro de 2017 e foi dedicada ao recebimento do TCLE. Apenas 21 alunos trouxeram o termo assinado pelo seu responsável e, na sequência, preencheram o questionário sobre *Bullying* (APÊNDICE B). Vale a pena salientar que antes da distribuição do questionário foi distribuído um folder (folheto) com informações básicas acerca da temática tratada, seguida por um período para esclarecimentos sobre o fenômeno (ANEXO A).

O questionário foi aplicado com o intuito de verificar a ocorrência de *Bullying* nas aulas de Educação Física, constatar histórico de violência física e/ou psicológica fora do ambiente escolar, perceber o índice de participação em aulas de Educação Física e fazer uma associação entre estes fatores. O questionário em questão foi construído com base no questionário de *Bullying* de Dan Olweus, um dos pioneiros no assunto e principal pesquisador na área. O objetivo do questionário de Olweus é explicitar se, ao longo do último mês, ocorreram episódios violentos praticados e/ou sofridos pelos estudantes pesquisados e diferenciar os tipos de agressões (GONÇALVES, 2015). Neste estudo, entretanto optou-se por fazer uma adaptação deste instrumento com a intenção de ampliar o tempo de ocorrência de *Bullying* a ser relatado que passou para ao longo do último ano. Esta alteração foi feita em virtude de a pesquisa feita por Olweus se referir as ocorrências em todas as aulas e fora delas, ao passo que esse trabalho se restringe às aulas de Educação Física. Ao estender o prazo para um ano acredita-se que ocorra uma compensação, pois acrescentando tempo aos acontecimentos de *Bullying* apenas em aulas de Educação Física, têm-se um aporte maior e pode-se equiparar aos acontecimentos em todas as disciplinas durante apenas um mês – modelo de Olweus.

O questionário foi aplicado pelo próprio pesquisador em data e horário específico determinado pela escola. O TCLE e o questionário estão disponíveis nos anexos.

#### **4.4 Análise de dados**

Os dados obtidos por meio das questões fechadas (quantitativas) apresentadas no questionário foram tabulados e organizados com base em categorias estabelecidas a priori, sendo tratados por meio de porcentagem de ocorrências em relação ao total de sujeitos da amostra. As categorias a priori consideradas para a caracterização do *Bullying* foram: frequência de comportamentos agressivos durante as aulas de Educação Física; participação dos pesquisados em aula de Educação Física; desconhecimento da terminologia; formas de *Bullying* – direto ou indireto; caracterização do sujeito envolvido – agressor, vítima, agressor-vítima e testemunha; características dos agressores e vítimas (envolvendo aspectos referentes a idade e gênero) e a influência da violência fora do âmbito escolar sobre



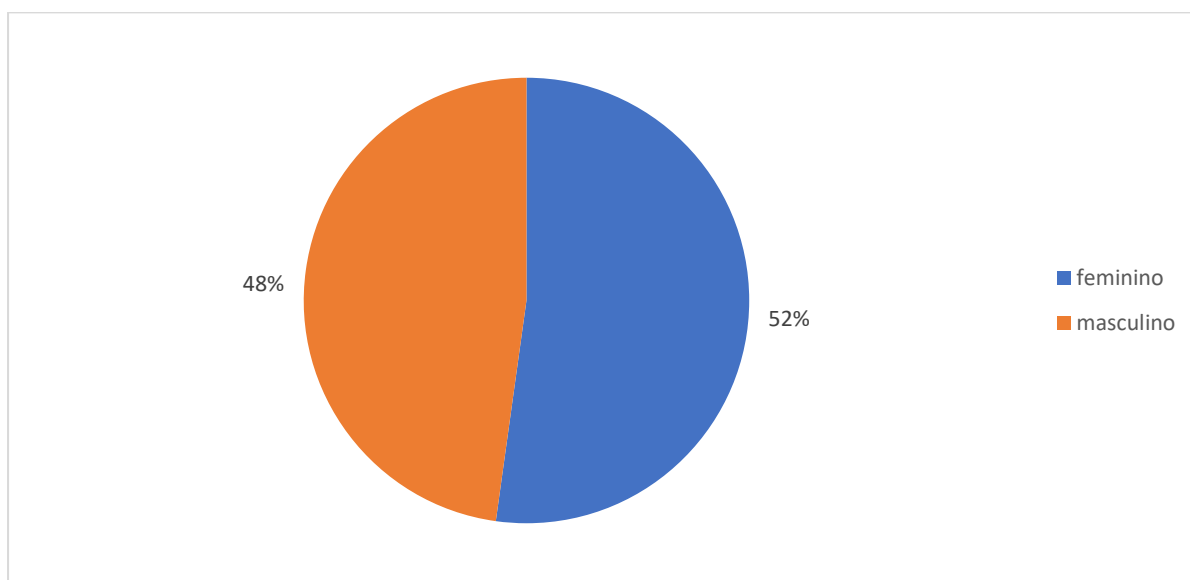
o *Bullying* na escola. Já a questão aberta (qualitativa) foi submetida a análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo se dá por meio de um conjunto de técnicas de análise das comunicações que, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, viabiliza acesso ao conteúdo das mensagens. Com o propósito sistematizar os dados obtidos a partir da questão qualitativa, serão construídas categorias de análise a posteriori, tendo como exemplo ocorrências: por falta de habilidade; tipo físico e preconceitos racial, de gênero e classe.

## 5. Resultados e Discussão

Apresentam-se na sequencia os principais resultados do estudo bem como uma discussão de sua relação com a revisão de literatura.

### 5.1 Caracterização da amostra

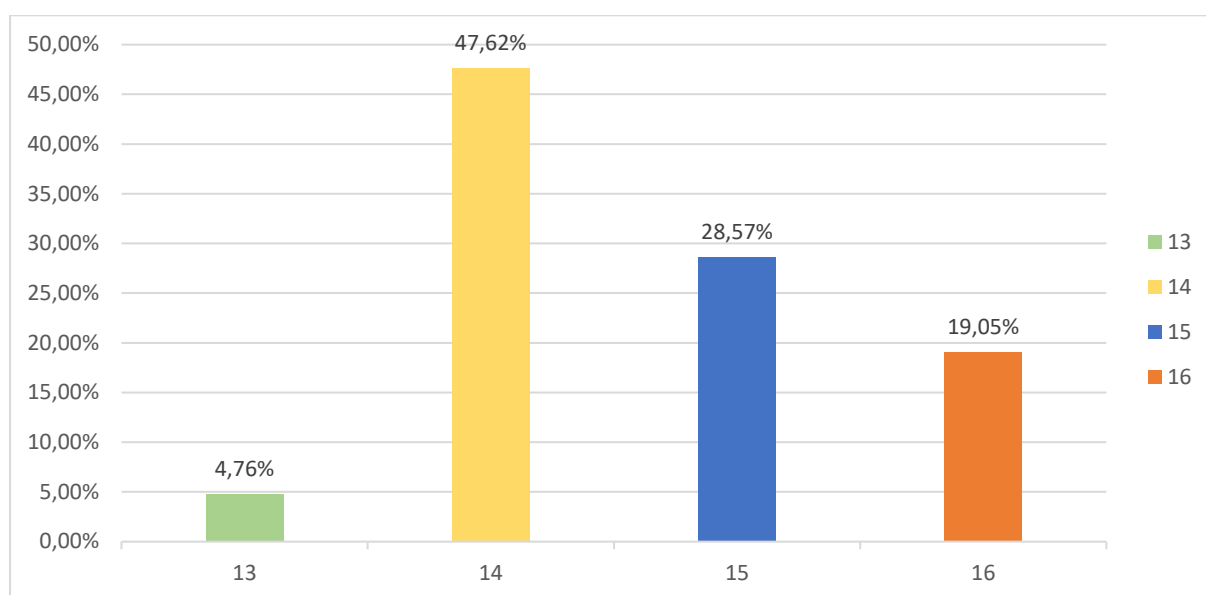
Gráfico 1 - Sexo



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico 1 representa o total de alunos – 21 – que respondeu ao questionário, 52% do público pertenciam ao sexo feminino e o restante, 48%, ao masculino. No que se trata do conhecimento sobre o assunto, 100% dos pesquisados relataram que, de alguma maneira, já tinham ouvido, lido ou assistido algo sobre o *Bullying*.

**Gráfico 2 - Idade**



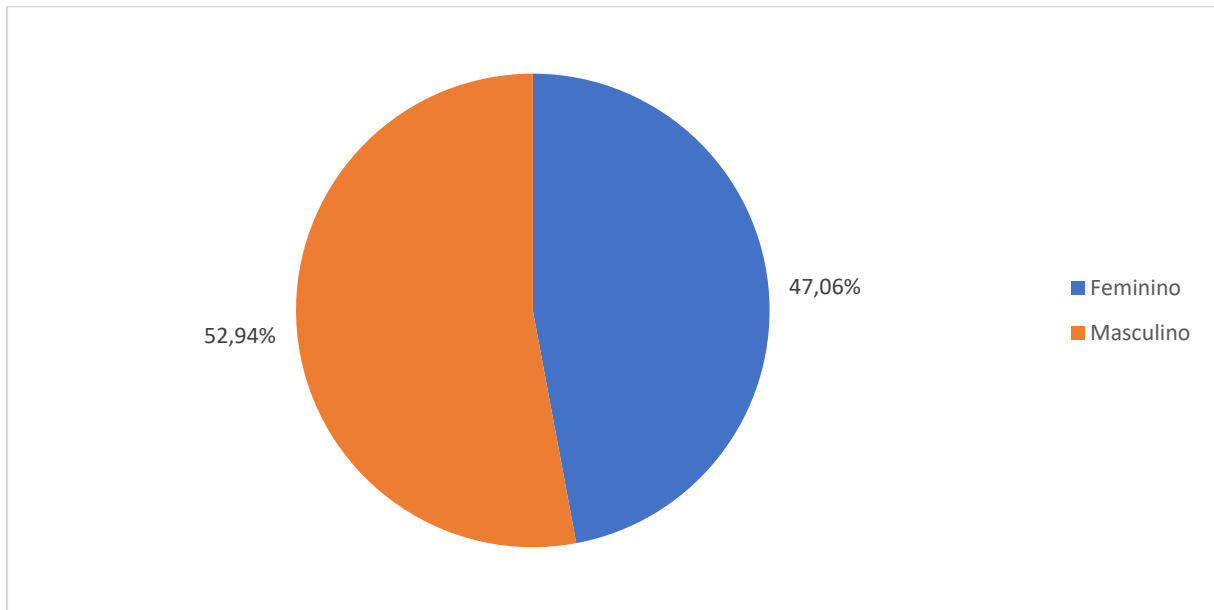
**Fonte:** Elaborado pelo autor.

As idades dos pesquisados, conforme pode ser verificado no gráfico 2, variaram entre 13 e 16 anos. Do total, apenas 4,76% pertenciam à faixa etária de 13 anos, 47,62% pertenciam à faixa etária de 14 anos, 28,57% à de 15 anos e 19,05% à de 16 anos. Tais dados mostram que a idade da maioria (76,19%) dos pesquisados está de acordo com o ideal – 14 a 15 anos para o 9º ano do Ensino Fundamental II. Porém ainda existe um percentual considerável de alunos que apresentam uma relação idade-série escolar defasada. Provavelmente esta população seja formada por alunos repetentes. Importante notar que dentro deste universo todos referiram já ter sofrido *Bullying*, ou seja, de alguma forma já foram vítimas, ao contrário das outras faixas etárias. Isso pode tanto significar que esse fato possa ter influenciado para que tais alunos fossem reprovados, quanto que o fato de serem repetentes potencialize a possibilidade de ser vítima de *Bullying*.

## **5.2 Vítimas e agressores**

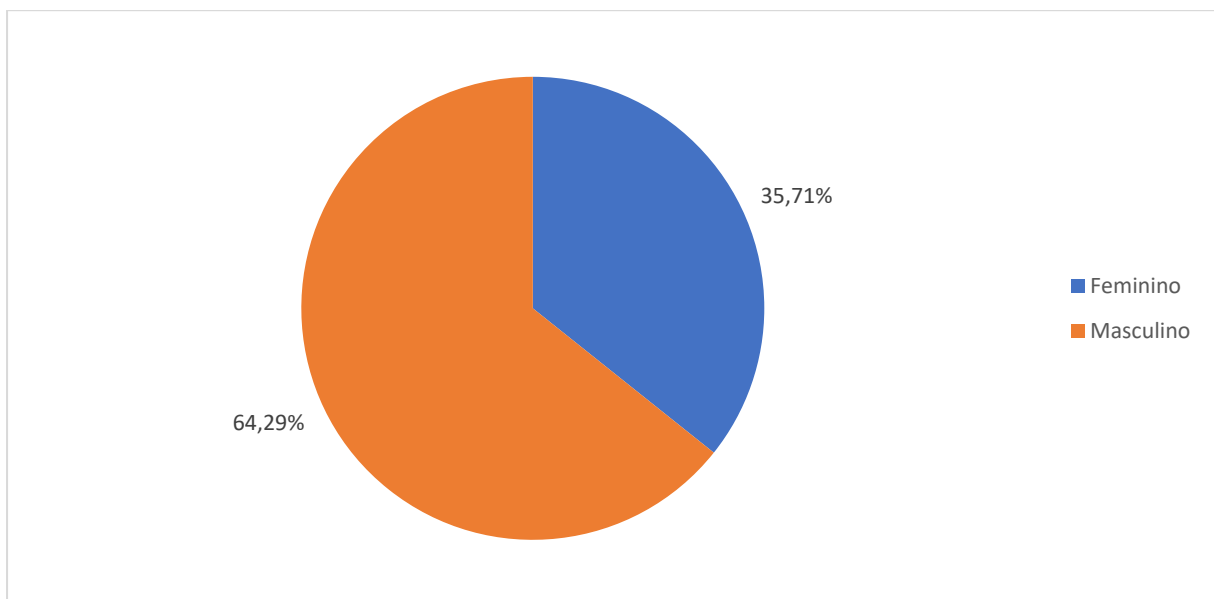
Nos gráficos 3 e 4 verifica-se a predominância do sexo de vítimas e agressores.

**Gráfico 3 – Sexo Vítimas**



Fonte: Elaborado pelo autor.

**Gráfico 4 – Sexo Agressores**



Fonte: Elaborado pelo autor.

As vítimas e agressores em sua maior parcela são pertencentes ao sexo masculino, com os percentuais de 52,94% e 64,29%, respectivamente. Percebe-se aqui um fato curioso: os meninos são maioria tanto ao impingir violência quanto a serem suas vítimas. Esses dados corroboram com os de outros estudos (FARRINGTON, 1993; NANSEL ET AL., 2003; OLWEUS, 1994; SPRIGGS ET AL., 2007; CALBO, 2009) nos quais alunos do sexo masculino eram a maioria das vítimas. Tais achados evidenciam que o fenômeno está densamente conexo ao sexo

masculino, especialmente nos casos de agressão física e verbal, como será mostrado mais à frente.

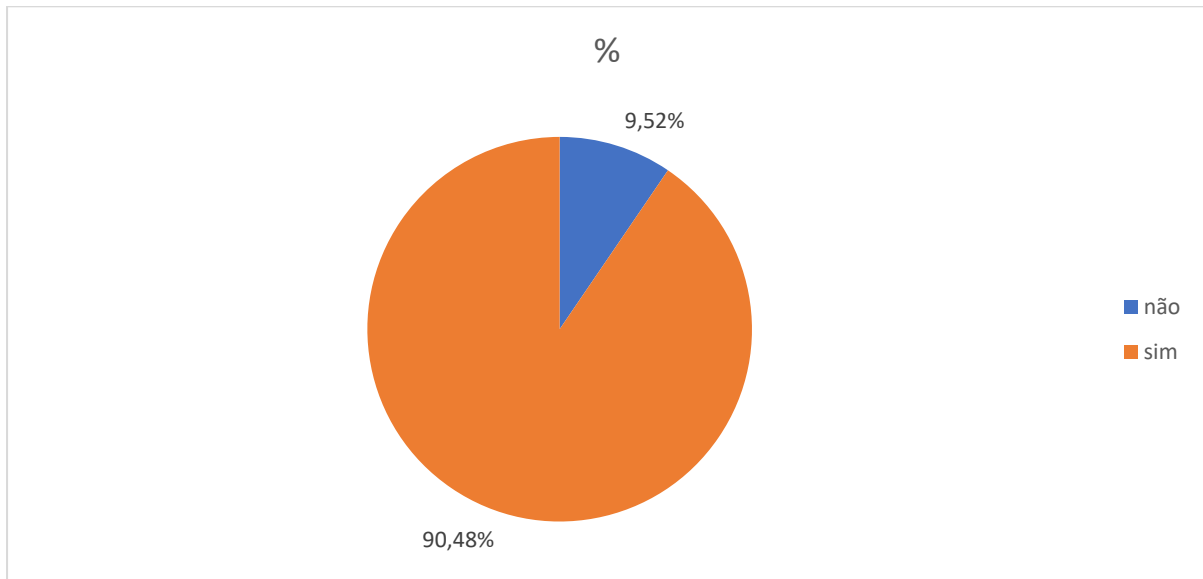
Isso torna aparente a relação entre comportamentos agressivos e gênero, uma vez que meninos apresentaram mais características de agressividade que as meninas, apesar de também sofrerem mais violência que elas.

Porém, parte da literatura também assinala que algumas consequências do *Bullying* como sintomas depressivos e abuso de substâncias são mais presentes em meninas que em meninos. Pode-se tentar explicar essa diferença da seguinte maneira: apesar de as vítimas do sexo masculino serem mais frequentes, as meninas tendem a utilizar formas psicológicas de agressão (*Bullying* indireto). Isso, entretanto pode levar a produzir efeitos mais prejudiciais à pessoa do que a forma direta de violência, como se vê em situações de agressão verbal e/ou física (CARLYE; STEINMAN, 2007).

### **5.3 Ocorrência de Bullying na escola**

O gráfico 5 evidencia que a ampla maioria (90,48%) dos sujeitos relatou já ter percebido o acontecimento de casos de *Bullying* na escola, não obrigatoriamente em aulas de Educação Física. Isso reforça o que foi exposto anteriormente, quando Fante (2005) diz que o *Bullying* é um processo que ocorre em ampla escala em 100% das escolas de todo o mundo.

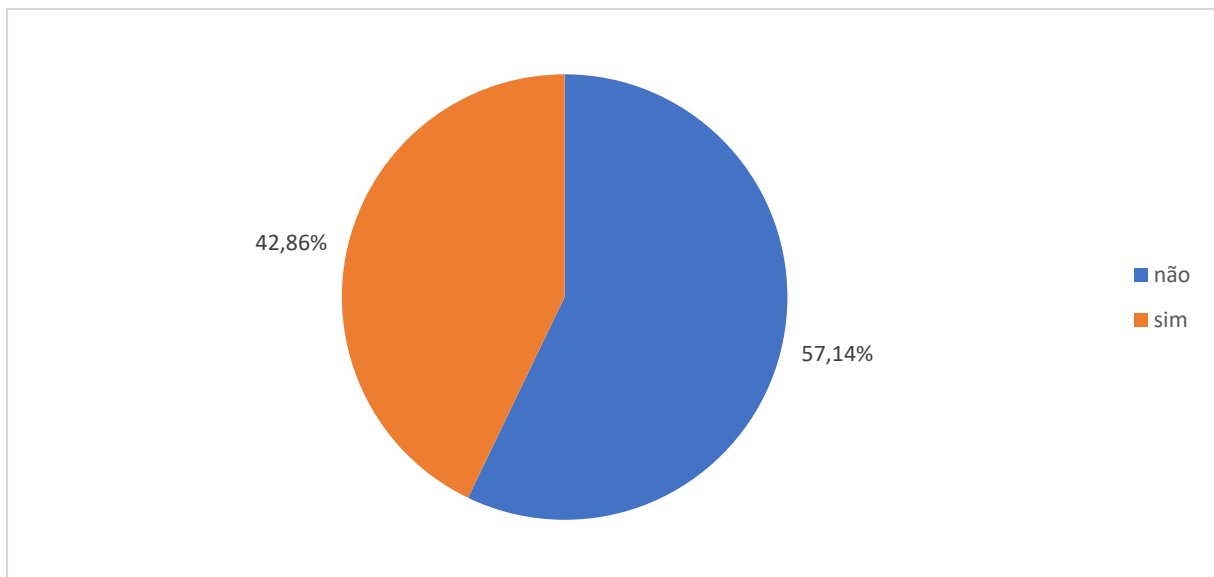
**Gráfico 5 – Ocorrência de Bullying na escola**



Fonte: Elaborado pelo autor.

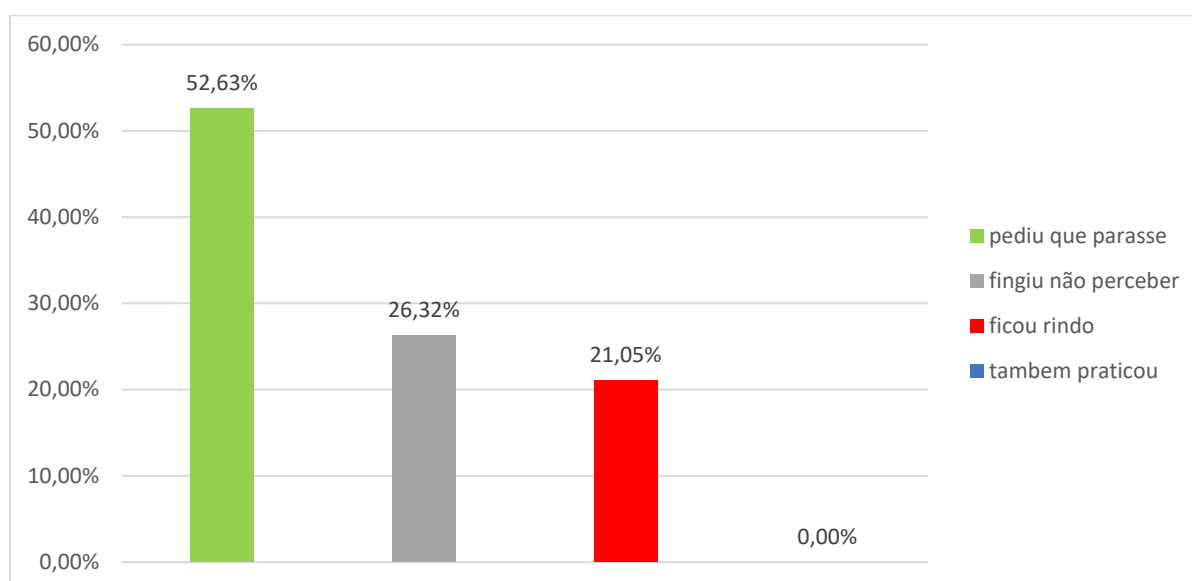
No gráfico 6 nota-se que quase metade dos alunos (42,86%) contou que o *Bullying* acontece com frequência na escola onde estudam, lembrando que o item do qual foram extraídos tais dados não especificava algo sobre ser somente em aulas de Educação Física, tornando amplo o campo de possibilidades.

**Gráfico 6 – Frequência de Bullying na escola**



Fonte: Elaborado pelo autor.

**Gráfico 7 – Reação ao presenciar Bullying**

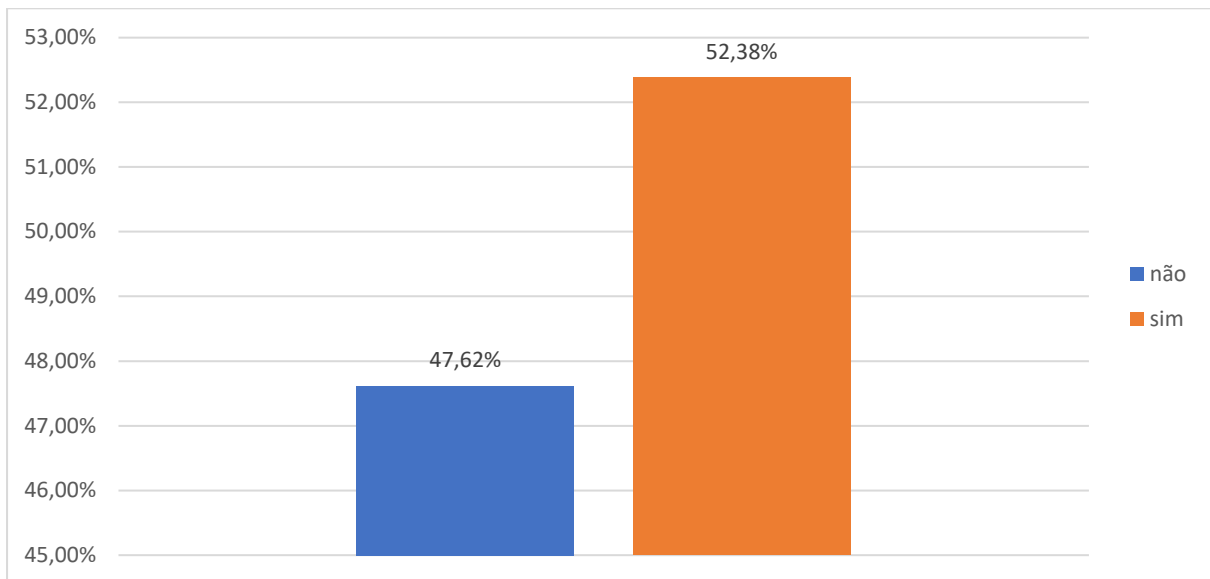


**Fonte: Elaborado pelo autor.**

No gráfico 7 se vê que pouco mais da metade (52,63%) dos alunos que viu algum caso de *Bullying* tomou a atitude de intervir e pedir para que o autor/agressor parasse, na tentativa de ajudar a vítima. O restante se dividiu em alunos que fingiram não perceber que estava ocorrendo – 26,32%, e alunos que ficaram debochando – 21,05%. Nenhum aluno incidiu na categoria também praticou. Esses achados apontam para o fato de que apesar de ser forte a presença do *Bullying* nas escolas e aulas de Educação Física, a maioria não apoia nem concorda com tal prática e por esse motivo tenta amenizar a situação, mesmo que dessa forma corra o perigo de também ser vitimada.

Em contrapartida, deve-se também atentar para este episódio: uma população menor fingiu não perceber a ocorrência de *Bullying*. Isso talvez tenha se dado pela circunstância de existir medo de virar alvo ao tentar intervir para proteger um amigo dos ataques violentos dos agressores. Assim, o espectador passaria a ser vítima.

**Gráfico 8 - Praticou**

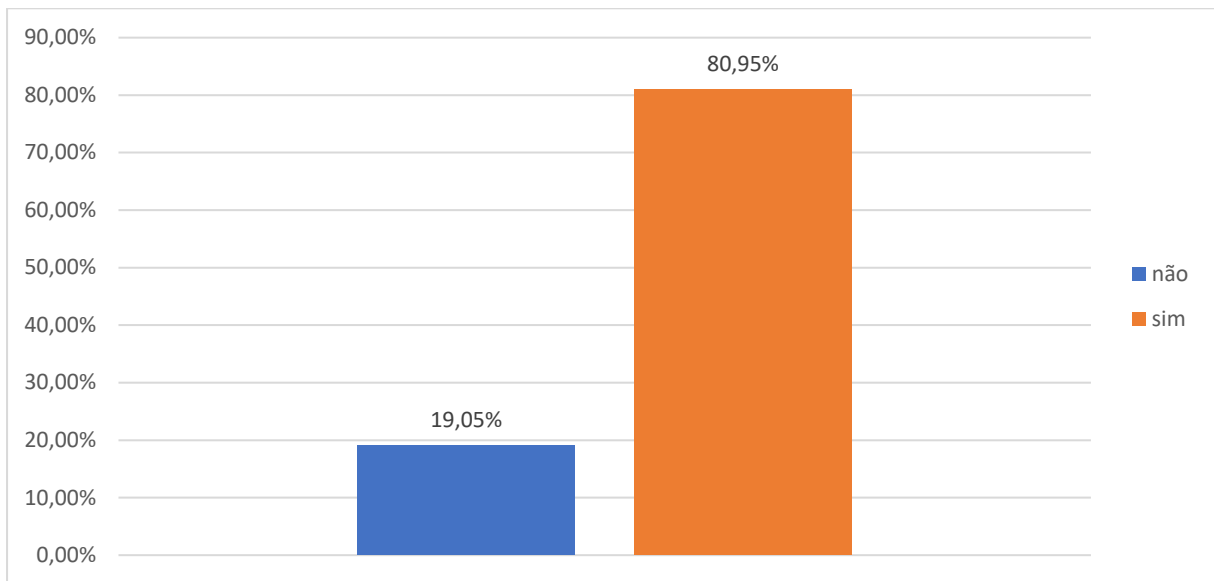


**Fonte: Elaborado pelo autor.**

No gráfico 8 são apresentadas em números as quantias de alunos que disseram ser agressores. 52,38% relatou ter praticado algum tipo de ato violento de forma repetitiva contra pessoas rotuladas como mais fracas ou diferentes do padrão. Pela proporção acima demonstrada, percebe-se que o número de algozes é maior que o número de vítimas, o que sugere que uma só vítima pode ser agredida por mais de um agressor. Comparando com o estudo de Calbo (2009) no qual analisa dados interturmas, se encontra resultado parecido em que o padrão de número de vítimas e algozes varia, pois, em uma turma havia mais algozes que vítimas, sugerindo que uma vítima poderia ser agredida por mais de um algoz.



**Gráfico 9 – Sofreu**

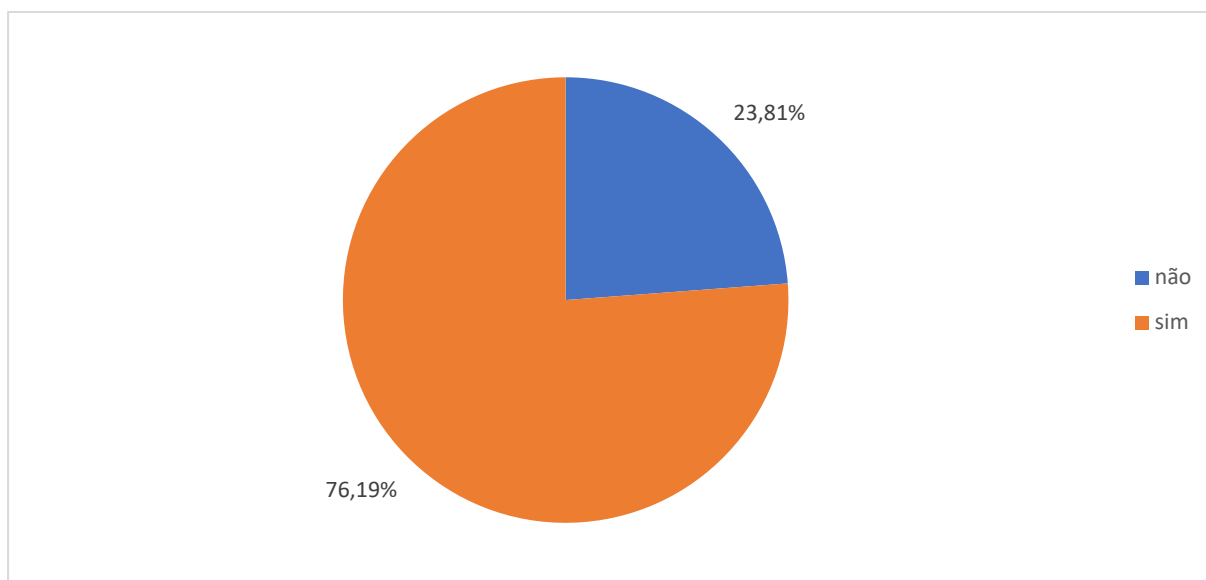


**Fonte: Elaborado pelo autor.**

O gráfico de nº9 exhibe que a maior parte dos entrevistados (80,95%) já foi vítima de ações violentas por parte de agressores. Isso talvez se dê pelo fato de que a maioria do público pesquisado tenha sido o feminino – no qual as meninas são vítimas em maior parte – já que a maioria dos agressores são do sexo feminino. Isso leva a perceber que um agressor tem mais de uma vítima, ou seja, várias vítimas são agredidas pela mesma pessoa.

## 5.4 Violência fora do âmbito escolar

Gráfico 10 – Presenciou Violência

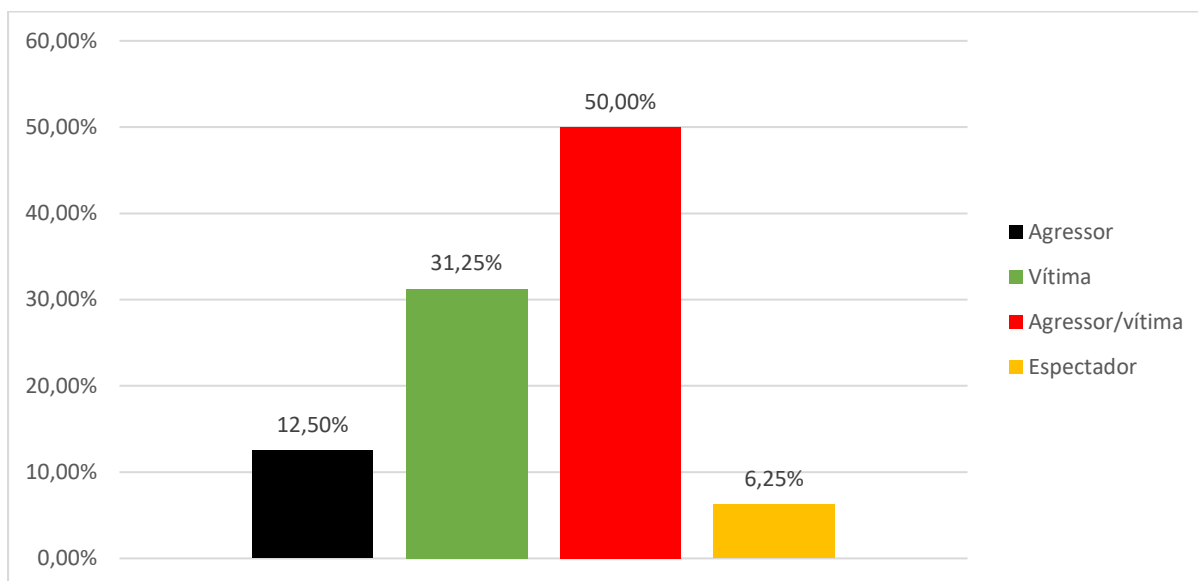


Fonte: Elaborado pelo autor.

Aqui (gráfico 10) está explícito que a ampla maioria dos pesquisados já teve algum tipo de contato com violência – física e/ou psicológica – em ambientes externos ao escolar, sendo divididos entre violência presenciada na rua e em casa. Segundo a pesquisa feita por Blaya (2002) fica evidente que o ambiente familiar é constantemente apontado como sendo “difícil” e “perturbador” em grande parte dos casos e isso pode acarretar na reprodução de comportamentos de intimidação na escola por parte dos alunos submetidos à violência doméstica.

Os próximos dois gráficos (11 e 12) apontam para a diferença de perfil dos alunos que disseram ter presenciado algum tipo de violência fora do âmbito escolar em comparação com indivíduos que nunca presenciaram qualquer violência em ambientes fora da escola.

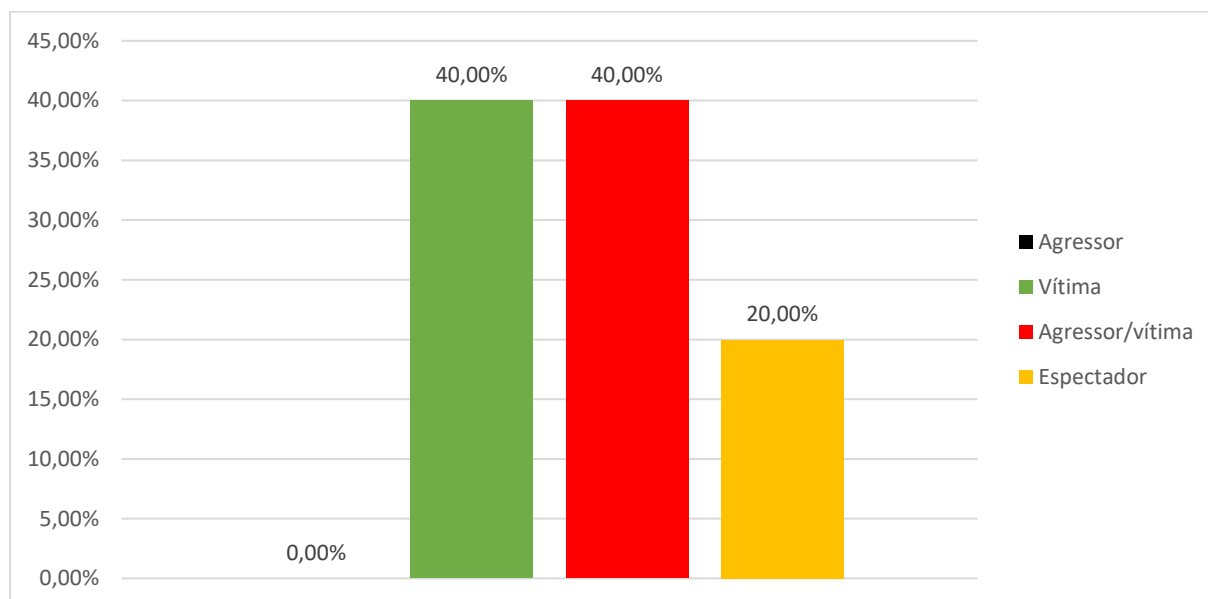
**Gráfico 11 – Perfil dos que presenciaram violência em ambientes externos à escola**



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Dos alunos que presenciaram, apenas 12,50% afirmaram terem sido somente agressores, o que difere dos dados obtidos a partir dos alunos que nunca presenciaram algum tipo de violência externa à escola, no qual não houve índice de alunos que participaram do processo sendo apenas agressores. Vê-se também que entre indivíduos que presenciaram violência, a maioria foi somente vítima em casos de *Bullying* (40,00%).

**Gráfico 12 – Perfil dos que NÃO presenciaram violência em ambientes externos à escola**



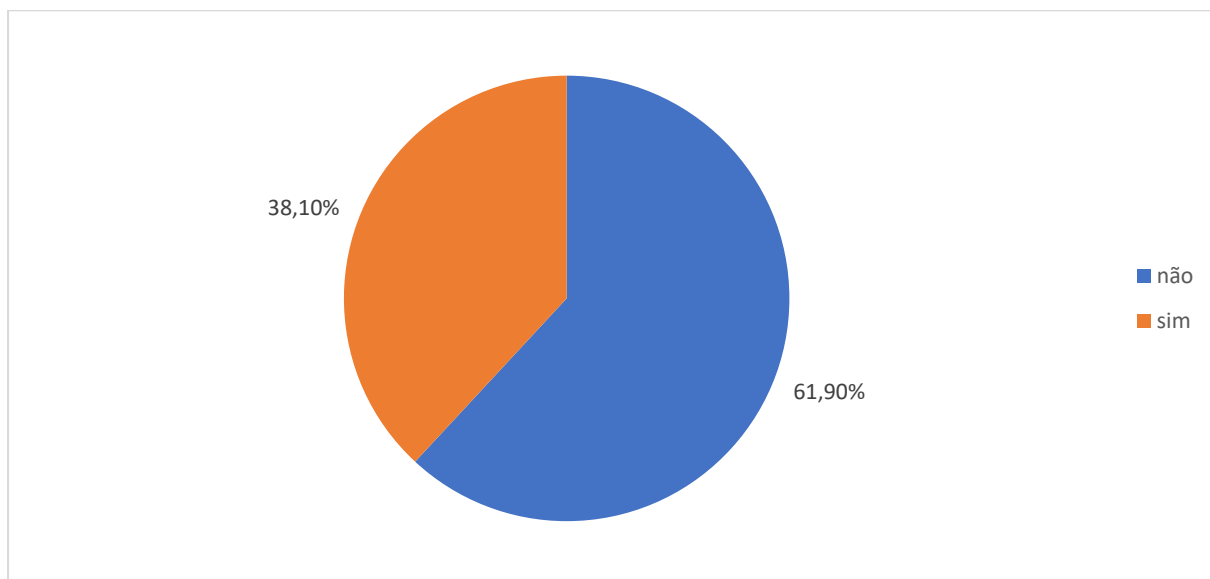
**Elaborado pelo autor.**

Dessa forma fica claro que o fato de presenciar violência pode estar diretamente ligado aos atos violentos praticados pelos alunos agressores. Uma das causas que pode ter acarretado tal resultado é a possibilidade de que essa violência presenciada (em casa e na rua) possa ter influenciado o aluno da seguinte maneira: ao presenciar discussões ou até mesmo agressões físicas no ambiente familiar (muitas vezes conturbado), por exemplo, em que o pai agride verbalmente/fisicamente a mãe, o indivíduo que toma a figura paterna como um exemplo a ser seguido compreende que aquela atitude é normal e pode passar a reproduzir algum tipo de agressão na escola.

### **5.5 Bullying nas aulas de Educação Física**

Já no que diz respeito às ocorrências apenas em aulas de Educação Física propriamente ditas, o gráfico 13 expõe que foi baixo o percentual de alunos que expuseram que era frequente – apenas 38,10%.

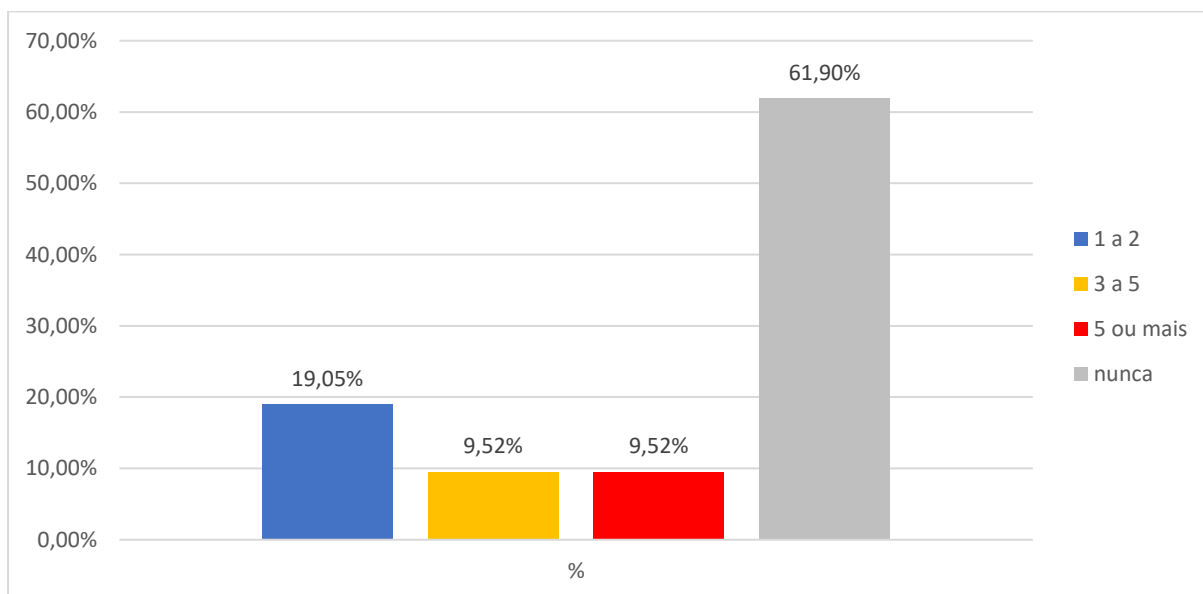
**Gráfico 13 – Em aulas de E. F.**



Fonte: Elaborado pelo autor.

No gráfico 14 são exibidas as variáveis que dizem respeito ao relato dos alunos sobre a frequência de ocorrência ao longo do último ano letivo, assim como foi executado no estudo de Carvalhosa, Lima e Matos (2002).

**Gráfico 14 – Nº vezes Bullying em E. F.**

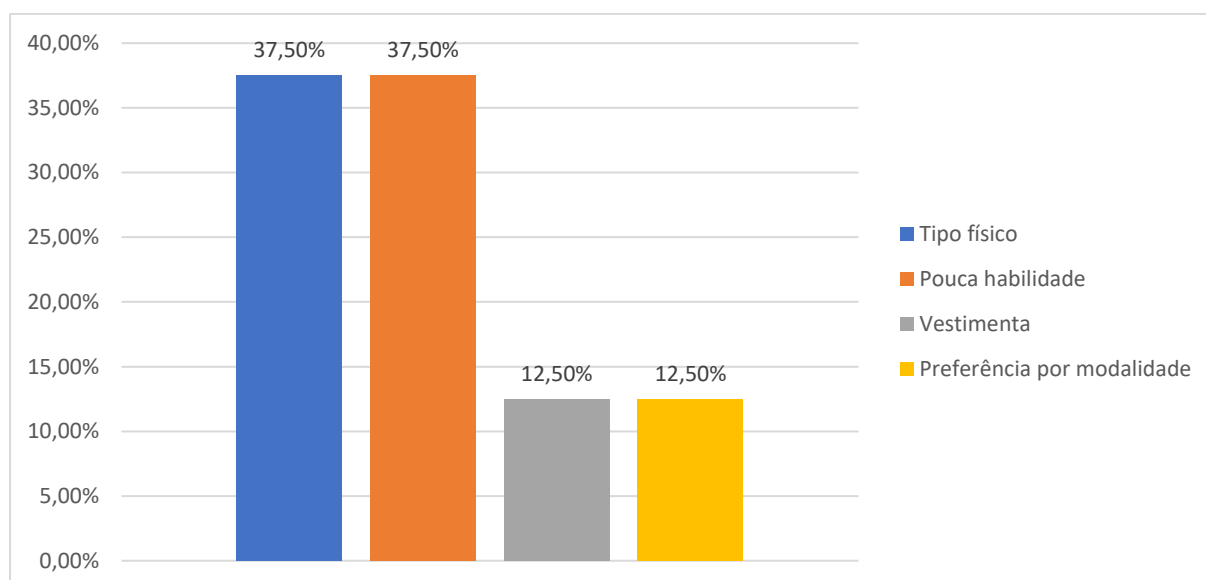


Fonte: Elaborado pelo autor.

Nota-se que poucas vezes foram vistos atos de agressão física e/ou psicológica de forma repetitiva e que se buscasse humilhar e mostrar superioridade entre os pares. Apenas uma pequena parcela (9,52%) notou o acontecimento de

*Bullying* em aulas de Educação Física mais de 5 vezes, tal quantia também vale para os que notaram o *Bullying* entre 3 e 5 vezes e 19,05% viu ocorrer poucas vezes – apenas de 1 a 2. Ainda que pouco visto, é nítido que o processo existe em aulas de Educação Física e, a partir desses dados, produziu-se o próximo gráfico.

**Gráfico 15 – Descrição da forma de Bullying**



**Fonte: Elaborado pelo autor.**

O gráfico 15 é para o presente estudo um dos mais importantes. Foi o único no qual foi usada a forma qualitativa de abordagem. Obedecendo o raciocínio de Godoy (1995), que afirma que no estudo qualitativo o pesquisador deve aprender a usar a si mesmo como instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação de dados da coleta, foram reunidas todas as opiniões expressas pelos alunos que disseram ter notado *Bullying* em Educação Física e analisou-se os principais pontos citados, obtendo-se os seguintes resultados. Ao todo 4 seções de forma de *Bullying* foram estabelecidas: pelo tipo físico; pela ausência ou pouca habilidade na execução de atividades de movimento; pelo tipo de vestimenta e pela preferência por determinada modalidade.

Conforme se verificou altos percentuais foram atingidos no que concerne aos quesitos tipo físico e pouca habilidade, com 37,50% cada um deles, o que reforça com o que havia sido citado anteriormente em relação ao fato de a falta ou redução de habilidades motoras de alguns indivíduos, funcionar como estopim para dar início a casos de *Bullying* (LOPES NETO E SAAVEDRA, 2003). Pode ser citado como

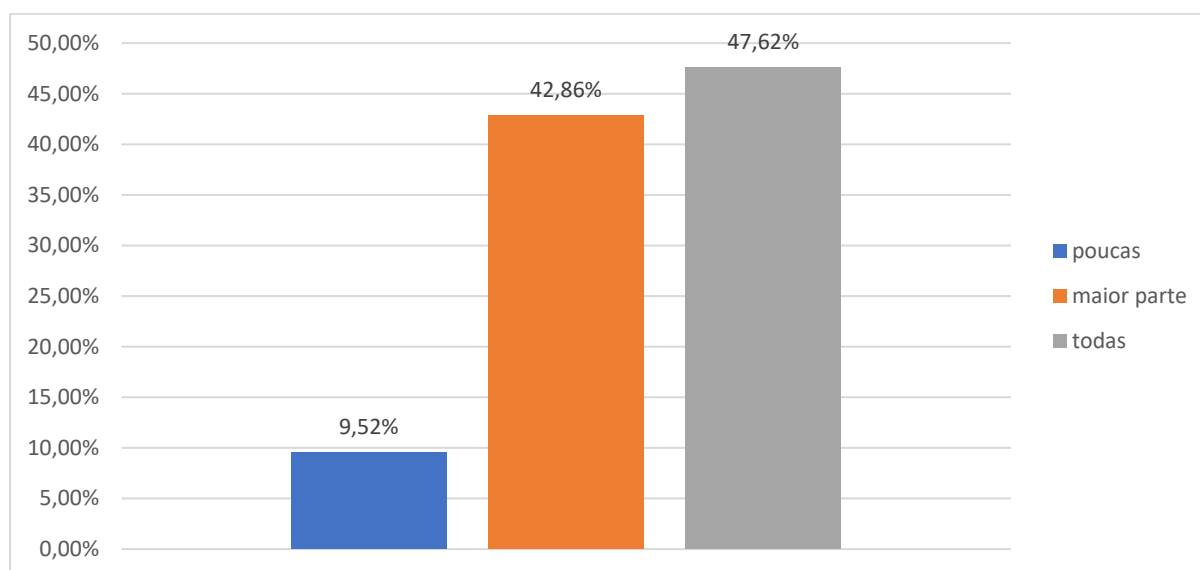
exemplo o caso do aluno A, que relatou que um de seus colegas de sala foi apelidado repetidas vezes pelo motivo de não saber jogar direito e chegou a ser excluído algumas vezes de atividades no intervalo, o que fazia com que ele não quisesse participar das próximas atividades práticas de Educação Física que exigissem as mesmas habilidades, concordando assim com o estudo de Chicon (2008), no qual é visto que alunos que não se enquadrem nos padrões esperados ou que são encarados como menos capazes de ter um bom desempenho em atividades são mais propensos à exclusão e conseqüentemente poderão ser levados a um insucesso escolar. Um caso semelhante foi o do aluno B, que discorreu que foi chamado de fraco e outros adjetivos semelhantes pelos colegas de turma ao não conseguir executar o movimento de flexão de braços, chamado pelo aluno de apoio de frente. Isso reforça o que foi dito por Ferreira (2006), que fala que à medida que se promove excessivamente a competição, se exalte a excelência dos mais habilidosos, se diferencie meninos e meninas de forma inadequada e não se dê oportunidades a todos por igual, estaremos a contribuir para a exclusão dos mais fracos e pouco capazes e para a discriminação social, sexual, intelectual e outras. Esse caso caracteriza perfeitamente o fenômeno, no qual um indivíduo que tenha o físico mais forte e é visto com superioridade pelos demais humilha um indivíduo que é visto como mais fraco apenas pelo fato de serem vistos dessa forma, tal como diz Olweus (1993). Assim como no estudo realizado por Melim e Pereira (2014), compreende-se deste modo que um aluno que demonstre dificuldades em executar atividades nesta disciplina, que é essencialmente prática, corre maior risco de ser maltratado pelos pares.

As outras duas seções ficaram empatadas nos percentuais de ocorrência, 12,50% para o quesito vestimenta e o mesmo para o quesito preferência por uma modalidade. Se tratando do último caso, pode-se levar em consideração o relato do aluno C, que conta que um de seus amigos tinha preferência pelo voleibol e por isso foi isolado aos poucos, chegando até a ocorrer falatórios e até difamação – imputação ofensiva de fato(s) que atenta(m) contra a honra e a reputação de alguém, com a intenção de torná-lo passível de descrédito na opinião pública (CÓDIGO PENAL BRASILEIRO, 1940). Com isso apreende-se que nesse caso o isolamento e rejeição de um aluno ou grupo para com outro aluno apenas por preferência no voleibol pode estar atribuído a um tipo de preconceito relacionado a questões de gênero e

sexualidade, que, para Nunan (2003), esse preconceito é histórico e socialmente construído, o que resulta na discriminação, que é o comportamento, o modo de agir do grupo social, marcado por raiva, rejeição e repulsa. Dessa maneira infelizmente ainda se atribui que o indivíduo do sexo masculino que opta/tem preferência por praticar o voleibol ou a pessoa do sexo feminino que prefira jogar futebol têm tendências homossexuais.

Um ponto positivo que é importante ser mostrado é a ausência de queixas sobre o *Bullying* iniciado por questões raciais, o que aponta para uma diminuição nos casos de racismo quando comparado ao recente estudo sobre a prevalência e características de escolares vítimas de *Bullying* de Moura, Cruz e Quevedo (2011), no qual aproximadamente 7% do total de entrevistados denunciou o acontecimento de *Bullying* racial ou a tendência ao silenciamento da temática na escola (CAVALLEIRO, 2006).

**Gráfico 16 – Índice de participação**



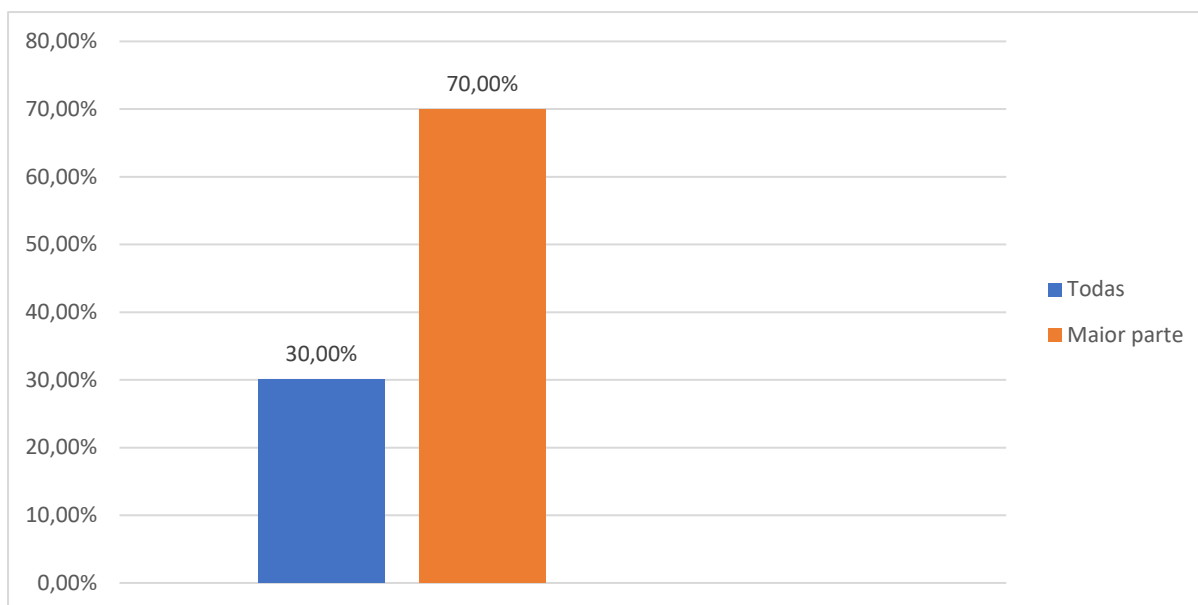
**Fonte: Elaborado pelo autor.**

Segundo o gráfico 16 a maior parte dos alunos entrevistados participa satisfatoriamente das aulas de Educação Física (90,48%). Apenas 9,52% participaram de poucas aulas, entretanto pode-se especular que esses 9% dos alunos podem ter perdido oportunidades de terem acesso aos conhecimentos da cultura corporal, o que, segundo Darido (2004), aumentaria a probabilidade de se tornarem não praticantes/aderentes à prática regular de atividade física, podendo assim, a



longo prazo, contribuir para que tais indivíduos se tornem adultos sedentários e propensos a doenças advindas do sedentarismo.

**Gráfico 17 – Índice de participação em aulas - Agressores**



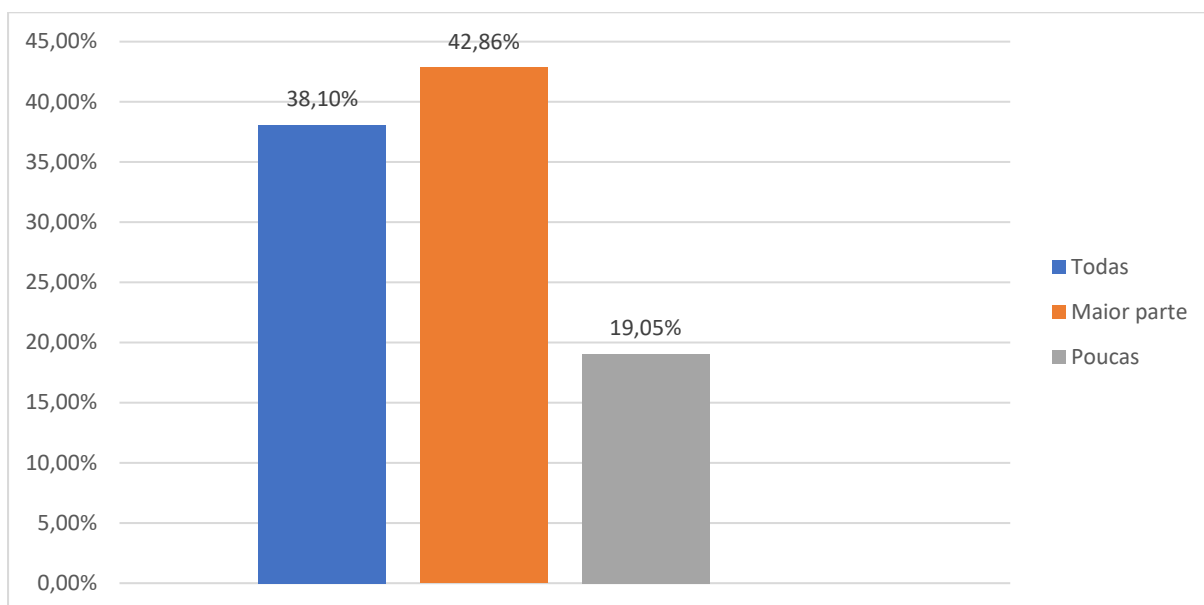
**Fonte:** Elaborado pelo autor.

**Nota:** As variantes “Poucas” e “Não participou” não pontuaram e por isso não foram postas no gráfico.

Nesse gráfico (17) compreende-se o seguinte: entre os alunos identificados como agressores, 70% participou da maior parte das aulas e 30% participou de todas as aulas, totalizando 100%. Em todos os casos em que um aluno aparece como agressor fica claro que esse quase sempre está presente nas aulas.

Já no gráfico abaixo (18), o qual se trata da participação em aulas dos alunos apontados como vítimas, pode-se ver que 19,05% participaram de poucas aulas. De tal modo fica nítida a ideia de que esse espaço curricular parece ser mais do gosto dos alunos com comportamentos agressivos ou praticantes do *Bullying* propriamente dito do que dos alunos tidos como vítimas. Como exemplo pode-se citar os dados apreendidos na pesquisa de Melim e Pereira (2014), no qual se notou que os agressores tiveram desempenho e nota final em Educação Física superiores às vítimas.

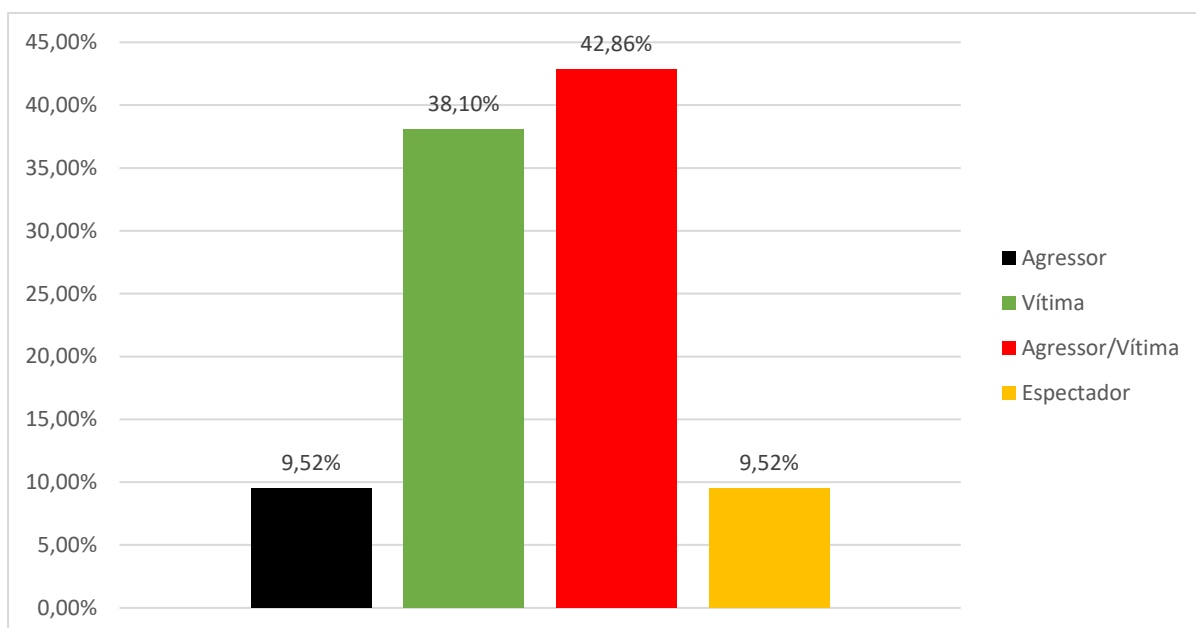
**Gráfico 18 – Índice de participação em aulas - Vítimas**



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nota: A variante “Não participou” não pontuou e por isso não foi posta no gráfico.

**Gráfico 19 – Perfil Geral**

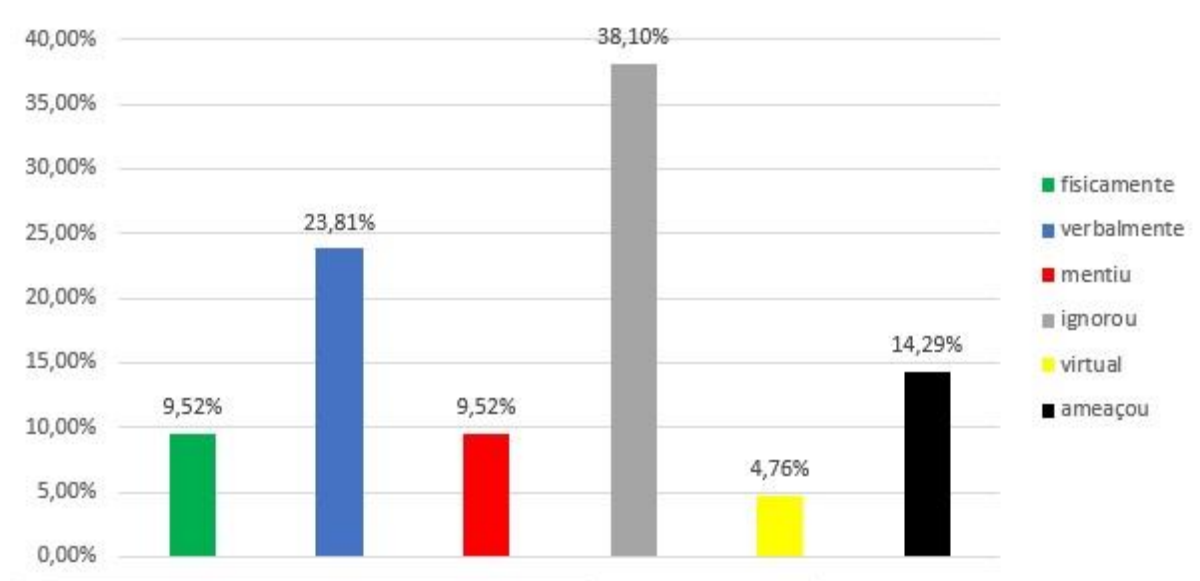


Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico 19 mostra que a maioria dos pesquisados é agressor-vítima (42,86%), seguidos de vítimas (38,10%), e tem igual número de espectadores e agressores, com percentuais de 9,52%, o que difere do estudo feito por Raimundo e Seixas (2009), o qual apresentou a maioria dos pesquisados como sendo vítimas

(30,42%), 18,75% sendo agressores e apenas 9,58% apareceram como tanto agressores quanto vítimas. Talvez se deva ao fato de esse estudo ter sido aplicado com alunos pertencentes ao 1º ciclo, diferentemente da presente pesquisa. Isso pode significar que à medida que os alunos vão amadurecendo começam a tomar atitudes mais violentas que quando eram mais novos, deixando de permanecer apenas como vítimas e passando a também agredirem alguém.

**Gráfico 20 – Forma de agressão**



**Fonte: Elaborado pelo autor.**

As divisões abordadas no gráfico 20 dizem respeito às formas de como os agressores já agiram. Predomina a forma indireta de *Bullying*, na qual 38% dos indivíduos ignorou/isolou alguém. Em segundo lugar estão os alunos que agrediram alguém verbalmente 23,81%. A maior parte dos alunos pertencente a essa seção é do público masculino. Há de se considerar que a maioria do público entrevistado foi o feminino.

Pode-se considerar um baixo índice (apenas 9,52%) no que concerne aos alunos que afirmaram que mentiram, caracterizando que espalharam falsos rumores a respeito de alguém. Esse achado se aproxima do estudo de Zaine et al (2010), o qual apresentou frequência zero para essa seção, o que leva alguns autores a acreditarem que o item foi visto pelos participantes como característica de informante/delator – no linguajar por eles utilizado: “fofoqueiro”, “cagueta”. Infere-se com isso que a ausência desse tipo de relato pode estar diretamente relacionada ao fato de esse tipo de comportamento ser recriminado entre indivíduos envolvidos em

ações criminosas, haja visto que a escola na qual foi aplicado o presente estudo fica situada em um local rodeado por comunidades nas quais existem facções criminosas nela atuando e que podem influenciar no desenvolvimento dos alunos.

## 6. CONCLUSÃO

O fato de a Educação Física ser uma disciplina prioritariamente prática – que traz consigo um clima às vezes muito competitivo e que pode estimular atitudes arbitrárias e prepotentes, talvez justificadas pela natureza combativa do esporte - faz com que ocorram com frequência episódios de *Bullying*. Este quadro pode refletir diretamente no desrespeito e/ou abandono da disciplina, necessitando assim que sejam investigados os reais motivos que acarretam o fenômeno na tentativa de reduzir suas eventuais más consequências.

Sabendo disso, este estudo teve como principais objetivos observar a relação entre *Bullying* e a prática de violência fora da escola e verificar a influência do *Bullying* na participação de alunos vítimas e agressores nas aulas de Educação Física. Os dados obtidos dos alunos pesquisados revelam que existe relação entre presenciar violência e estar envolvido em algum caso de *Bullying*, e tal fato pode vir a se tornar um dos motivos para a prática violenta dentro das instituições de ensino. Em sua maioria os alunos que presenciaram violência no âmbito familiar e/ou na rua estiveram mais envolvidos em algum caso de violência na escola do que os alunos que nunca presenciaram violência. Já no que diz respeito à participação em aulas de Educação Física, foi percebido que alunos vítimas participaram menos das aulas do que alunos agressores. Em relação ao tipo de *bullying* predominante durante as aulas se destacaram como principais motivos àqueles que se remetiam ao tipo físico e à escassez de habilidades. Verifica-se assim que esse ambiente é de certo modo propício para a ocorrência de *Bullying* ao permitir que agressores executem seus atos de violência com maior intensidade.

Tais resultados responderam aos objetivos do estudo, principalmente quando se constata a forte presença do *Bullying* nas aulas de Educação Física, tanto em número de vítimas quanto em número de agressores, os quais muitas vezes também mostraram que além de terem sido vítimas, também passaram a agredir. Despontou também que parte dos espectadores/testemunhas não intervieram na tentativa de cessar ações violentas por temer que os agressores também tomassem atitudes violentas contra as testemunhas, o que as tornaria vítimas. Isso mostra que a escola – de forma multidisciplinar – e os pais precisam agir de forma conjunta para tentar combater eventuais casos de *Bullying* que possam vir à tona.

Uma limitação do estudo foi o pequeno número de participantes, porém, vale ressaltar que este se deveu, em parte, ao fato de ser um estudo que objetivou pesquisar aspectos sobre violência o que pode ter deixado alguns pais receosos em permitir a participação de seus filhos. Importante que sejam investigadas outras problemáticas relacionadas ao *Bullying* na escola e nas aulas de Educação Física.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN L., **Análise de conteúdo** (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trads.). São Paulo, SP: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1977), 2011.

BEAUDOIN, M.-N.; TAYLOR, M., **Bullying e desrespeito**: Como acabar com essa cultura na escola, Ponto Alegre: Artmed, p. 2 – 17, 2006. Disponível em: <<http://www.webclayton.com/arquivos/altgeral.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

BLAYA C., Clima escolar e violência nos sistemas de ensino secundário da França e da Inglaterra. In: DEARBIEUX, É.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: Unesco, 2002. p. 225-250.

BOMFIM D. L. et al, Ocorrência de bullying nas aulas de Educação Física em uma escola do Distrito Federal. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 302-317, abr./jun. 2012.

BOTELHO R. G., SOUZA J. M. C., **Bullying e Educação Física na escola**: características, casos, consequências e estratégias de intervenção, Revista de Educação Física, nº 139, p. 58-70, 2007.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/De12848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De12848compilado.htm)>. Acesso em: 28 nov. 2017

CALBO A. S., Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares, **Contextos Clínicos**, v.2, n. 2, p. 73-80, jul.-dez. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v2n2/v2n2a01.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2017.

CARLYLE, K.E.; STEINMAN, K.J., **Demographic differences in the prevalence, co-occurrence, and correlates of adolescent bullying at school**, The Journal of School Health, 77: 623-629., 2007.

CARVALHOSA, S. F.; LIMA, L.; MATOS, M. G., **Bullying** - A provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, p. 571-585, 2002. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/view/21/pdf>>. Acesso em 19 nov. 2017.

CAVALLEIRO, E. S. Introdução. In: BRASIL. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. p.15-28. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes\\_etnicoraciais.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf)>. Acesso em: 27 mar. 2015.

CHICON, J. F., Inclusão e Exclusão no Contexto da Educação Física Escolar. **Movimento**, 2008. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115316019002>>

[Acesso em: 2 dez. 2017.

DARIDO, S. C., A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física, **Revista brasileira de Educação Física**, São Paulo, v.18, n.1, p. 61-80, jan./mar. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551/18264>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

DE MOURA, D. R.; CRUZ, A. C. N.; QUEVEDO, L. A., **Prevalence and characteristics of school age bullying victims**, J Pediatr (Rio J). 2011;87(1):19-23. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3997/399738181004/>> Acesso em: 20 nov. 2017.

FANTE, C., **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz, Campinas, Verus, p. 27 – 34, 2005.

FERREIRA, V., **Educação Física – Interdisciplinaridade, aprendizagem e inclusão**, Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

FLORES C. A., **Bullying em contexto escolar**: o que os educadores sabem sobre o fenômeno, Defesa de Monografia, p. 20 - 25, 2007. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Carolina%20Aita%20Flores.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

FONTELLES, M.J.; SIMÕES, M. G.; FARIAS, S. H.; FONTELLES, R. G. S. **Metodologia da pesquisa científica**: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. Núcleo de Bioestatística Aplicado à pesquisa da Universidade da Amazônia – UNAMA, 2009.

GODOY, A. S., **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, São Paulo, v.35, n.2, p. 57-63, mar/abr, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

GONÇALVES F. G., **Bullying em adolescentes**: validade de constructo do questionário de bullying do Olweus e associação com habilidades sociais, Tese de mestrado, p. 86 e 87, 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/118329/000968220.pdf?sequence=1>> Acesso em: 26 jun. 2017.

HINDUJA S., PATCHIN J. W., **Bullying Beyond the Schoolyard**: Preventing and responding to cyberbullying, 2<sup>nd</sup> ed., 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, **Índice de Desenvolvimento Humano dos bairros de Fortaleza**, Fortaleza, 2010. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/0032553521353dc27b3d9>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

KOWALSKI R. M., LIMBER S. P., AGATSTON P. W. **Cyberbullying**: bullying in the digital age, 2. d. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ARKbrXsdOmYC&oi=fnd&pg=PR6&dq=cyberbullying&ots=RPuEJYUmOW&sig=D4wWW5XiNwtj4fg9DvlQSkBH0zo#v=onepage&q=cyberbullying&f=false>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

LUDKE M., ANDRÉ M. E. D. A., **Pesquisa em educação**: Abordagens Qualitativas, São Paulo: EPU, 1986. Disponível em:



<<http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep145/pesq.htm>> Acesso em: 27 jun. 2017.

MARCONI M. A. E., LAKATOS M., **Fundamentos de Metodologia Científica**, Atlas, São Paulo, 5ª edição, 2003.

MARTINS, H. H. T. S., Metodologia qualitativa de pesquisa, **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07/pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

MELIM, F. M. O.; PEREIRA, M. B. F. L. O., A influência da Educação Física no bullying escolar: A solução ou parte do problema?, **Revista Iberoamericana de Educación**, vol. 67, núm. 1, p. 65-84, 2015. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/34624>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

NUNAN, A., **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo, Caravansaraí, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1153/115315946008/>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

OLWEUS, Dan., **Bullying at school**: What we know and what we can do. London, Lackwell, 1993.

RAIMUNDO, R.; SEIXAS, S. R., **Comportamentos de bullying no 1º ciclo**: estudo de caso numa escola de Lisboa, *Interaccoes*, n. 13, p. 164-186, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/352/1/M9.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

ROUQUAYROL, M.Z, ALMEIDA FILHO, N. **Epidemiologia e saúde**, 6ª edição, Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2006.

RUBIM L. H., BOTH J., **Bullying nas aulas de educação física**: a visão dos alunos do nono ano do ensino fundamental, O professor PDE e os desafios da escola pública Paranaense, v. 1, Governo do Estado do Paraná, 2012. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2012/2012\\_uel\\_edfis\\_artigo\\_lucia\\_helena\\_rubim.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_edfis_artigo_lucia_helena_rubim.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2017.

RUOTTI C., ALVES R., CUBAS V. O., **Violência nas escolas**: um guia para pais e professores. Imprensa Oficial, p. 175-177, 2006. Disponível em: <[https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/violencia\\_escola.pdf](https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/violencia_escola.pdf)>. Acesso em 20 abr. 2017

SANTOS M. M., KIENEN N., Características do Bullying na Percepção de Alunos e Professores de uma Escola de Ensino Fundamental, **Trends in Psychology / Temas em Psicologia**, Vol. 22, nº 1, p. 161-178, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v22n1/v22n1a13.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

ZAINE, I.; REIS, M. J. D.; PADOVANI, R. C., **Comportamentos de bullying e conflito com a lei**, Estudos de Psicologia, Campinas, v. 27, n. 3, p. 375-382, julho-setembrbo, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.observatoriodocuidado.org/bitstream/handle/416/1/ep.S0103-166X2010000300009.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES – IEFES

Você está sendo convidado(a) como participante da pesquisa: **“Bullying em aulas de Educação Física: um estudo com alunos do 9º ano de uma escola da rede pública estadual de Fortaleza”**. Nesse estudo pretendemos verificar a presença de *bullying* durante as aulas de Educação Física na escola. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é o fato de existir a possibilidade de que as eventuais vítimas do *bullying* estejam participando cada vez menos das aulas Educação Física. Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Os dados serão coletados através de um questionário que será respondido pelo aluno durante o horário letivo e dentro da sala de aula. Será mantido total sigilo de identificações para que seja garantido o anonimato. Este instrumento foi construído com base no questionário sobre *bullying* de Dan Olweus, que tem como objetivo mapear o processo e identificar agressores e vítimas para que se possa tentar – através do diálogo - intervir com o intuito de combater tal prática violenta.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. No procedimento não estão presentes quaisquer riscos e/ou desconfortos para você. Não há possibilidade de danos físicos ou psicológicos. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável pelo período necessário ao estudo e,

após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) orientador(a)

Dados do responsável pela pesquisa:

<p><b>Nome:</b> Rafael Lima Bandeira Sousa <b>Instituição:</b> Universidade Federal do Ceará – UFC: Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES <b>Endereço:</b> Rua José Martins, nº 2247 <b>Telefones para contato:</b> (85) – 996724727 (tim) / 989530476 (oi)</p>
---

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOBRE BULLYING**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES – IEFES

- 1 - Não é necessária a identificação.
- 2 - Este questionário faz parte de um estudo sobre ocorrência de *bullying*, desenvolvido pela UFC.
- 3 - Leia com atenção todos os itens antes de responder.  
EM CASO DE DÚVIDAS, CONSULTE O PESQUISADOR.
- 4 - Todas as informações individuais serão mantidas em segredo.
- 5 - Por favor, responda todas as questões de forma consciente e responsável. Isso é muito importante!

OBS.: Assinale com um “X” as alternativas abaixo:

**1- Qual o seu sexo?**

Masculino       Feminino

**2- Qual a sua idade em anos?**

\_\_\_\_\_ anos

**3- Você sabe o que é BULLYING?**

Sim       Não

**4- Você já leu, ouviu ou assistiu algo sobre o assunto?**

Sim       Não

**5- Na escola onde você estuda já aconteceu casos de BULLYING?**

Sim       Não

**6- Na escola onde você estuda, o BULLYING acontece com frequência?**

Sim       Não

**7- Na SUA sala de aula já aconteceu BULLYING?**

Sim       Não

**8- Qual o seu índice de participação nas aulas de Educação Física?**

Participei de todas as aulas       Participei da maior parte das aulas  
 Participei de poucas aulas       Não participei das aulas

**9- Durante a aula prática de EDUCAÇÃO FÍSICA já ocorreu BULLYING?**

Sim       Não

Em caso de resposta afirmativa (SIM), você poderia descrever este fato:

---

---

---

**10-Quantas vezes aproximadamente ocorreu BULLYING durante a aula prática de EDUCAÇÃO FÍSICA ao longo desse ano?**

- Nenhuma vez     1 a 2 vezes  
 3 a 5 vezes     5 ou mais vezes

**11-Você já presenciou a prática de BULLYING?**

- Sim     Não

Se sua resposta foi SIM, marque

Ao perceber a prática de BULLYING você...

- Pediu para que o autor parasse     Fingiu que não estava vendo e saiu  
 Ficou rindo da situação     Também praticou BULLYING

**12-Você já SOFREU BULLYING?**

- Sim     Não

Se sua resposta foi SIM, marque

- Fui agredido(a) fisicamente     Fui agredido(a) verbalmente  
 Fui ameaçado(a)     Me ignoraram  
 Mentiram sobre mim  
 Sofri BULLYING por meios virtuais (mensagens, redes sociais)

**13- Você já PRATICOU BULLYING?**

- Sim     Não

Se sua resposta foi SIM, marque

- Agredi alguém fisicamente     Agredi alguém verbalmente  
 Ameacei alguém     Ignorei alguém  
 Menti sobre alguém  
 Pratiquei BULLYING por meios virtuais (mensagens, redes sociais)

**14- Você já presenciou cenas de violência em outros lugares?**

- Sim     Não

Se sua resposta foi SIM, marque

Presenciei cenas de violência...

- Em casa     Na rua     Outros

Para a resposta OUTROS, especifique:

---

## ANEXO A – FOLHETO INFORMATIVO SOBRE BULLYING

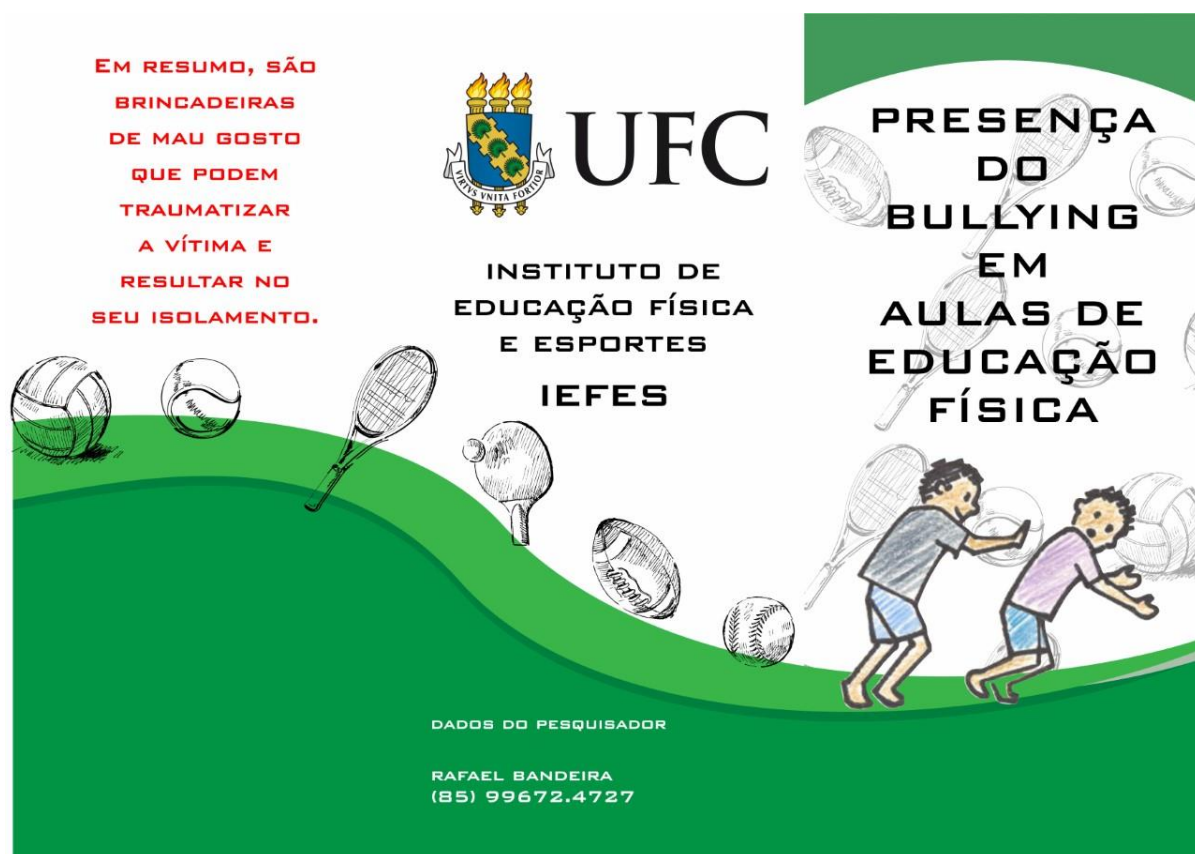


Figura 1 – Frente de folha dobrável em 3



Figura 2 – Verso de folha dobrável em 3